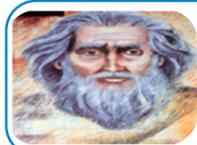


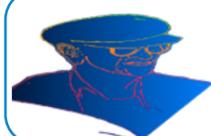
Edição 340 | Agosto/ Setembro - 2023



Fala, Irmão José!
Na Luta Diária
Pág 02



Abrindo Janelas
Estudo sobre a Diversidade Sexual
e as Questões de Gênero
Pág 02



Espaço Chico Xavier
Luz Para Todos
Pág 03



O que Disse Kardec?
Kardec e Sua Visão do Futuro
Pág 04



Filosofia e Espiritismo
Estoicismo e Filosofia Espírita
Pág 08



Psicologia Espírita
por Joanna de Angelis
Vontade
Pág 10



O Livro dos Espíritos
Sob a Ótica Filosófica de Miramez
Conhecimento de Sí Mesmo



Dicas de Leitura
A Fraude
Pedro Camilo de Figueirêdo



Para Reflexão
Sensibilidade Afetiva
Pág 14



Instruindo-se com Revista Espírita
Efeitos Da Prece
Pág 15



Você Sabe Quem foi?
Casimiro Cunha
Pág 15



Desvendando o Evangelho
Segundo o Espiritismo
Reconhece-se os Cristãos Pelas
Suas Obras
Pág 17



Ciência e Espiritismo
Formação dos Seres Vivos
Princípio Vital
Pág 18



Aprofundando o
Conhecimento das Leis Divinas
Lei do Trabalho
Pág 20



Obras Básicas em Foco
Livro dos Médiuns
A Influência Moral dos Médiuns
na Comunicação
Pág 21



Casa Varrida
Pág 23



O Centro Espírita
(Herculano Pires)
Pág 23



Mediunidade Sem Estudo:
Consequência do Tempo
Inaplicado
Pág 25



Conflitos Doutrinários
Pág 28



As Janelas Da Alma Só Abrem
Pelo Lado de Dentro
Pág 30



Programa Cultural 35ª Bienal de São Paulo Pág 31

Programa Cultural Exposição "Os Mundos de Leonardo Da Vinci" Pág 31

App de Música Clássica Rádio WQXR Pág 31

Dica de Livro: 30 histórias para dormir que fortalecem os laços entre Pais e Filhos Pág 32

Para a Criançada: Itaú Cultural Play Pág 33

Palavra em Prosa e Verso - Lya Luft - O Rio do Meio Pág 33

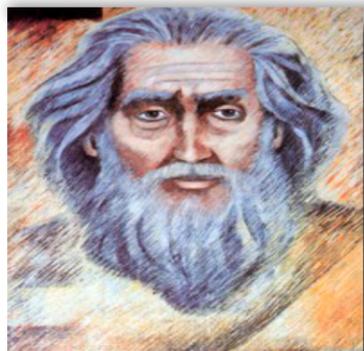
Comunicação Não Violenta - Como Usar no Seu Dia a Dia Pág 34

“Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador Prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e porque está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da Lei de Deus e consola pela fé e pela esperança .”

(Allan Kardec - ESE - Cap 6 - Ítem 4)

O IDEM tem como missão levar ao leitor artigos, textos e mensagens com base nos princípios espíritas, trazendo temas atuais para que possamos refletir se realmente estamos vivenciando os ensinamentos deixados por Jesus, nosso Mestre e Guia.

Se você tem críticas, sugestões de melhorias ou assuntos que gostaria de ver em nosso informativo, entre em contato através do email: idem@geedem.org.br



Fala, Irmão José!

Irmão José, um dos mentores espirituais do GEEDEM, enseja-nos reflexões a respeito do cotidiano à luz do Evangelho, para que, com Jesus, saibamos enfrentar e vencer todos os problemas e desafios com os quais nos defrontamos.

Na Luta Diária

É possível que estejas enfrentando provas que os outros desconhecem...

Dúvidas assolam-te o espírito.

A insegurança te ronda os passos.

Idéias pessimistas te povoam a mente.

Lágrimas que não caem, encharcam-te o coração.

Todavia, não te confies aos desespero, exteriorizando as próprias aflições, de modo a impingí-las nos que te cercam.

Não podes culpar o mundo pelas dores que padeces!

Irritação e azedume afastarão de tua presença os companheiros que estimas.

Esforça-te para sorrir e a alegria te acenderá a luz da compreensão dentro da própria alma.

Todos lutamos com o passado na arena do presente.

O que plantamos ontem devemos colher agora.

O resgate de nosso débitos perante a Lei, nem sempre acontece através de doenças ou mutilações físicas.

Não raro, o cadinho invisível da tentação é a força que nos submete ao aperfeiçoamento necessário, consumindo-nos as impurezas em altas temperaturas de luta interior.

Assim, pacifica-te e serve, procurando ser útil àqueles que te esperam a palavra amiga e o gesto de solidariedade.

Procurando esquecer-te, esquecer-te-ás, igualmente, dos problemas que te martirizam.

Ocupa-te do bem e o bem ocupar-te-á todo o ser, devolvendo-te a esperança em dias melhores.

Fonte: Livro Reflexão (Carlos Baccelli/ Irmão José)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Abrindo Janelas

Espaço dedicado a palestras de expositores, alguns pouco conhecidos nacionalmente no meio espírita, porém com explanações relevantes e pertinentes que vale a pena conhecer.

Palestrante: Cristiane Luz

Tema: Estudo sobre a Diversidade Sexual e as Questões de Gênero

Assista na íntegra: <https://www.youtube.com/watch?v=gJWQ6V3mu1E>



Chico Xavier, por meio de sua mediunidade excepcional, decodificou os ensinamentos espíritas transmitindo as idéias e interpretações dos Espíritos orientadores. Ele foi um exemplo de edificação moral, pelo conhecimento e vivência do Evangelho. Mostrou a todos nós como será a humanidade do futuro: portadora de conhecimento intelectual e moral.

Luz Para Todos

Estariam os princípios espíritas endereçados à segregação para uso exclusivo daqueles irmãos que carregam provas visíveis no plano material?

Encontramos, com frequência, na Terra quem suponha deva ser a Nova Revelação limitada ao trabalho em favor dos que sofrem a penúria do corpo, sob pena de perder a própria simplicidade.

Entretanto, a fulguração solar será menos luz quando clareia o recôncavo de um vale e o topo de um arranha-céu ao mesmo tempo? E, acaso, a fonte se diminuirá em grandeza por deixar-se canalizar em serviço à cidade grande, após haver saciado a sede aos lares do campo?

Decerto, a mensagem da Vida Maior tem significação mais imediata em auxílio a quantos se vejam no mundo em dificuldades abertas, seja no chão das exigências primárias da natureza ou na sombra das grandes tribulações em que a incomformidade os compele a se tornarem francamente infelizes.

Imperioso, porém, pensar naqueles outros companheiros da humanidade que a vida situou em outros setores. Não é a face externa da criatura que lhe determina o grau da necessidade espiritual.

Dói-nos ver as mãos que se nos estendem nas ruas, à cata de pão; no entanto, será justo, igualmente, compreender os obstáculos daqueles que se esfalfam em serviço para que haja pão, tanto quanto possível, à mesa de todos.

Aflige-nos registrar os empecos do amigo em profissão singela, cujo salário não lhe satisfaz a todos os requisitos da vida simples, mas não nos será lícito esquecer os óbices daqueles que se atormentam na orientação da oficina para que o trabalho não se perturbe ou escasseie.

Magoa-nos surpreender irmãos diversos, acomodados nos palheiros humildes que lhes servem de residência; contudo, não podemos desconhecer os impedimentos daqueles outros que encanecem nas administrações, construindo caminhos ao progresso e traçando horizontes ao reconforto geral.

Sensibiliza-nos o martírio das mães que vagueiam nas vias públicas à busca de socorro para filhinhos padecentes; entretanto, seria injusto desconsiderar o sofrimento daquelas outras que se aniquilam, pouco a pouco, dentro de casa, em posição de incessante sacrifício, para sustentarem os descendentes, de modo a que a dignidade humana possa honrosamente sobreviver.

Reflitamos no conjunto dos problemas humanos e a ninguém deseremos da verdade e do amor, de vez que em qualquer situação pertencemos todos a Deus e, segundo as nossas necessidades, é natural que Deus nos atenda a cada um.

Emmanuel

Fonte: Livro Na Era do Espírito (Chico Xavier - Espíritos diversos)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Para ler as edições anteriores do IDEM, acesse o link abaixo:

<https://www.geedem.org.br/edicoes-anteriores>



Kardec e Sua Visão do Futuro

Ao fazermos uma análise da personalidade de Kardec, buscando conhecer-lhe a cultura, aliada à profunda identificação com o Evangelho, não devemos ter por objetivo apenas homenagear-lhe a memória. Devemos vê-lo como alguém que veio para cumprir uma promessa de Jesus. Devemos avaliar-lhe a estatura espiritual, não apenas para nosso encantamento, mas a fim de nos conscientizarmos da nossa condição de beneficiários da sua obra, desse acervo imenso de esclarecimentos, que marcaram efetivamente uma nova etapa na evolução humana.

É necessário pensarmos em Kardec na sua época, a fim de avaliar-lhe o avanço no tempo em relação ao pensamento predominante de então. Precisaríamos, todos nós, ter a possibilidade de nos transportar, de caminhar para o passado, a fim de sentirmos a época, com seus costumes e, principalmente, com suas limitações. Só assim poderíamos observar com justeza o avanço do pensamento de Kardec em relação aos seus contemporâneos, e até de muitos dos atuais pensadores das searas religiosas, políticas e sociais.

A Igreja, recém-saída da Inquisição – em Portugal terminou, por decreto da Regência, em 1821 – ainda impunha terrivelmente o seu poder. Nos países, ditos católicos, não havia separação entre o Estado e a Igreja. Para se ter ideia desse poder, é só lembrarmos que em 9 de outubro de 1861, na Espanha, foram queimadas, em praça pública, trezentas obras espíritas, legalmente importadas da França, no assim chamado Auto-de-fé de Barcelona.

Em 1864, a encíclica Quanta Cura condena a tolerância religiosa. E esse empenho em manter o poder não se restringiu ao século XIX, pois em 1906, duas encíclicas do Papa Pio X, Vehementer nos e Gravissimi Officii condenam a separação entre Estado e Igreja.

Na Espanha, em 1931, houve a laicização do poder civil, com a limitação dos poderes da Igreja. Infelizmente, em 1953, durante a ditadura de Franco, mediante Concordata com a Santa Sé, voltou o Catolicismo a ser declarado religião única da nação espanhola. Em Portugal, durante a ditadura de Salazar, em pleno século XX, foi fechada a Federação Espírita Portuguesa, e todos os seus bens confiscados. Na França, o clima era um tanto diferente, mas não muito. Tenha-se em vista as perseguições e os ataques sofridos por Kardec.

Entretanto, apesar da forte pressão dominadora exercida pela Igreja, no sentido de ser mantida a sua versão do Cristianismo, durante o século XIX, em algumas partes da Europa, ocorria uma libertação quase rebelde de muitos intelectuais, em relação às pregações religiosas, que já não mais conseguiam convencê-los. O descompasso entre a religião e a ciência se tornava cada vez mais agudo, ensejando um desencanto que levou muitos espíritos lúcidos à tomada de posições eminentemente materialistas, criando o ambiente para o surgimento do Positivismo, doutrina que visa à superação dos estados teológico e metafísico, negando tudo o que não fosse fisicamente mensurável, e preparando o terreno para o materialismo do século XX.

No campo social, a mensagem religiosa servia apenas para coonestar o egoísmo vivenciado pelos poderosos, sem que houvesse a mínima ação no sentido de amenizar a desumana e angustiosa situação das classes trabalhadoras, notadamente dos operários. É dessa época a famosa frase atribuída a Karl Marx: A religião é o ópio do povo. E, realmente o era, pois constatava-se facilmente a imensa distância que havia entre a mensagem simples, fraterna, amorosa e atuante de Jesus, e aquilo que era oferecido como Cristianismo pela Igreja, totalmente comprometida com o poder temporal.

Kardec não se curva à Igreja, mas não adere ao materialismo seco e destrutivo, como tantos pensadores do seu tempo. Sua visão de missionário permite-lhe discordar daquilo que a Igreja oferecia como verdade e possibilita-lhe uma proposta religiosa a ser experienciada principalmente fora dos templos. Uma religião a ser vivida em clima de liberdade, tanto na área do sentimento, quanto da razão, conforme os ensinamentos e exemplos de Jesus.

Diante da atuação de Kardec, seria difícil enquadrá-lo nas áreas do conhecimento humano. Revela-se como teólogo ao dialogar com os Espíritos Superiores a respeito de Deus, demonstrando independência e superioridade de pensamento em relação aos seus contemporâneos, quando formula a pergunta: *Que é Deus?*¹ Isso dito numa época em que grandes pensadores estavam ainda atrelados à ideia de um Deus antropomórfico, portador de limitações humanas, quanto à forma e aos atributos. O Codificador demonstra que sua visão de Deus é cósmica, e está em perfeita consonância com os avanços da Astronomia, que, caminhando à frente das religiões, já demonstrara àqueles que têm olhos de ver que o Universo conhecido era maior do que o Deus ensinado por elas.

Entretanto, sua concepção científica da grandeza cósmica de Deus não o impediu de resgatar a figura do Pai justo, providente, amoroso e infinitamente misericordioso, conforme os ensinamentos de Jesus, contrapondo-se frontalmente à criação nefasta dos teólogos: o Inferno de penas eternas, dentro do contexto cristão. Nesse campo, revela o Codificador a sua condição também de educador e de penólogo, ao examinar com impecável lucidez temas como Céu, Purgatório e Inferno, principalmente na obra *O Céu e o Inferno*. Entretanto, se abriu as portas do Inferno, demonstrou que as do Céu não se descerram às custas de ofícios religiosos encomendados, de legados post mortem, mas através do esforço individual, intransferível e consciente de cada Espírito, conforme sentenciou Jesus: ... *Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me.*²

Demonstra, com clareza, a imortalidade da alma, não apenas como artigo de fé, estribada em dogmas, mas no campo da experimentação científica, através do resgate do exercício da mediunidade, prática que seria objeto de estudos levados a efeito na área acadêmica, primeiramente sob o nome de Metapsíquica e, bem mais tarde, de Parapsicologia.

A reencarnação, rejeitada e ridicularizada àquela época, mereceu-lhe análise clara, profunda e irretorquível, em tese que o futuro, que vivemos hoje, tem consagrado como vitoriosa, de vez que até o presente não existe nenhum trabalho sério que a conteste. Pelo contrário, com o passar do tempo avolumam-se os trabalhos acadêmicos que a comprovam.

Revelou-se sociólogo eminentemente cristão ao dialogar com os Espíritos sobre questões sociais, pondo em evidência temas que outras religiões só décadas mais tarde viriam discutir.

O trabalho, ensinado no meio religioso como castigo, é mostrado como oportunidade enobrecedora de colaboração na obra de Deus. Pela primeira vez, o relacionamento entre capital e trabalho é tratado no meio religioso, com sérias advertências àqueles que, abusando do poder de mando, impõem excessivo trabalho a seus inferiores, pois eram comuns na Europa as jornadas de trabalho excederem a doze horas. Pela primeira vez, na história do Cristianismo, alguém cria ambiente para que Espíritos Superiores advirtam o homem, em nome de Deus, a respeito da responsabilidade no emprego do poder: Todo aquele que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que imponha a seus inferiores, porquanto, assim fazendo, transgride a lei de Deus.³ Enquanto todas as vozes religiosas se calavam, Kardec inquire os Espíritos a respeito do direito do trabalhador de repousar depois de ter dado o vigor de sua juventude em trabalho: Mas o que há de fazer o velho que precisa trabalhar para viver e não pode?⁴ A resposta lapidar, que deveria servir de epígrafe e inspiração para muitos discursos sociológicos e religiosos: O forte deve trabalhar para o fraco. Não tendo este família, a sociedade deve fazer as vezes desta. É a lei de caridade.⁴ Só trinta e um anos depois da edição definitiva de *O Livro dos Espíritos*, a encíclica *Rerum Novarum*, em 1891, revela algum despertamento do meio católico para o tema.

Relativamente à escravidão, existente ainda no Brasil, nos Estados Unidos e em Cuba, os poderes religiosos também se mantinham calados até então, impedidos de erguer a bandeira abolicionista por estarem comprometidos com aqueles que se beneficiavam com o trabalho escravo. Contra esse ignominioso domínio de um ser humano sobre outro, manifestaram-se os Espíritos, falando em nome de Deus, graças às perguntas de Kardec, que, com isso, inseriram conceitos de moral religiosa num campo eminentemente social.

Nove anos antes da publicação da obra *Sujeição das Mulheres*, de Stuart Mill, que é tida como uma das molas propulsoras do movimento feminista, Kardec publica o diálogo que manteve com os Espíritos Superiores e comentários seus, analisando a igualdade dos direitos do homem e da mulher, enquanto as demais correntes cristãs mantinham, e ainda mantêm em seu próprio seio, posições altamente discriminatórias, em que a mulher continua como subalterna, malgrado os exemplos dignificantes de Jesus.

Ao perguntar aos Espíritos: *Será contrário à lei da Natureza o casamento, isto é a união permanente de dois seres?*⁵, o Codificador demonstra conceituar o casamento como ato eminentemente moral, mútuo compromisso assumido no âmbito da consciência de um homem e de uma mulher, acima de toda e qualquer bênção sacerdotal ou da assinatura de um documento civil. Evidenciada por Kardec, há mais de um século, essa a visão que se tem hoje, quando cada vez mais prospera o entendimento de que ninguém casa ninguém; as criaturas se casam, e só elas são responsáveis pela manutenção do vínculo livremente estabelecido. É digna de nota a posição do Codificador, pois se de um lado esclarece, libertando a criatura dos grilhões criados por uma bênção sacerdotal – pretensamente dada em nome de Deus –, por outro, chama-lhe a atenção para os compromissos assumidos perante o altar de sua própria consciência. O valor que Kardec atribui ao casamento está perfeitamente explicitado no comentário feito ao tratar do assunto: A abolição do casamento seria, pois, regredir à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes.⁶

Numa época em que as religiões não discutiam o papel da família, por julgá-la estabelecida em função de sacramento ministrado em nome de Deus – embora, em alguns casos, até mesmo contra a vontade de quem o recebia –, Kardec, antevendo atitudes e questionamentos futuros, analisa e discute com os Espíritos Superiores o papel do instituto familiar. Obteve respostas esclarecedoras dos Espíritos, situando a família como núcleo insubstituível da educação humana, núcleo formado não em função de uma evolução social, mas decorrente de desígnio divino. Por isso, o Espiritismo já tinha resposta antecipada às duras contestações que viriam décadas mais tarde, quando regimes totalitários pretenderam instituir um modelo de educação da criança pelo Estado e, mais tarde ainda, através das propostas de vida livre, levadas a efeito pelos hippies e aqueles que lhes partilharam as ideias.

Ao assumir veemente combate contra a pena de morte – enquanto setores religiosos se mantinham silenciosos ou mesmo coniventes –, Kardec tira o não matará de dentro dos templos, levando-o à discussão penal e social, antecipando-se, em décadas, a campanhas que surgiriam bem mais tarde.

O imenso abismo cavado entre a Ciência e a Religião pelos estudos de Copérnico e Galileu alargou-se ainda mais com a publicação da obra *Da Origem das Espécies*, de Charles Darwin. Coube a Kardec o papel histórico de construir uma ponte luminosa, ligando Ciência e Religião. Contestando o Criacionismo, põe em evidência a evolução do Espírito, que caminha pari passu com a evolução física demonstrada por Darwin, ao tempo em que resgata, diante da consciência humana, um dos atributos básicos de um Ser Perfeito: a Justiça. Tudo promana de uma mesma fonte, todos partimos de um mesmo ponto, dotados da mesma potencialidade evolutiva, conforme ensinaram os Espíritos: É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo ao arcanjo, que também começou por ser átomo.⁷ Por conhecer essa luz divina imanente em toda a criação, é que Jesus lançou o desafio evolutivo: *Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens (...)*⁸

Não se pretendeu aqui fazer uma análise exaustiva da obra de Kardec, nem da sua capacidade como filósofo, educador, sociólogo ou teólogo. Buscou-se enfocar apenas o avanço do seu pensamento, em relação aos seus contemporâneos. Kardec transcende sua época, enxergando além dos interesses, da cultura, do meio social e religioso em que convive.

Se o Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail tivesse publicado suas obras sem revelar os diálogos com os Espíritos e o seu aspecto religioso, por certo a França o teria incluído entre seus filósofos, conforme já o fizera entre seus grandes educadores.

No decorrer deste milênio, quando o ranço religioso e o academicismo enfatuado se fizerem menos presentes, e quando não mais estiverem tão distanciados das verdades do Evangelho puro, Kardec certamente será estudado nas universidades, será descoberto como um gênio do século XIX, maravilhando Espíritos que já terão reencarnado para o estabelecimento de diretrizes educativas dos tempos novos. Nessa ocasião, terão dificuldade em situá-lo numa área do saber humano, face ao domínio revelado por ele no campo da sociologia, do direito, da educação, da filosofia e, principalmente, da teologia.

A marca inquestionável da sua condição de grande missionário é o fato de o seu pensamento não estar preso ao lugar e à época. Seu pensamento vigoroso projeta-se no futuro, numa antevisão terrena dos caminhos da Humanidade. Espiritualmente falando, não é antevisão, é simplesmente a recordação dos temas humanos que mereceram seu estudo, sua análise minuciosa, no Espaço, antes de reencarnar.

Guardadas as devidas proporções, é o mesmo fenômeno que se deu com Jesus que, transcendendo os conhecimentos, os interesses, as aspirações – a própria cultura da época – fez abordagens de assuntos incomuns e deixou ensinamentos e diretrizes evolutivas para os séculos porvindouros.

José Passini

Bibliografia:

O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, ed. FEB:

1 – item 1

3 – item 684

4 – item 685 a

5 – item 695

6 – 696 (comentário)

7 – item 540

Novo Testamento:

2 – Mt, 16:24

8 – Mt, 5:16

Fonte: mundoespirita.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Filosofia e Espiritismo

Kardec afirma, na introdução de *O Livro dos Espíritos*, que a força do Espiritismo não está nos fenômenos, como geralmente se pensa, mas na sua “filosofia”, o que vale dizer na sua mundividência, na sua concepção de realidade. Segundo Manuel Gonzales Soriano, o Espiritismo é “a síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicada à investigação da verdade”. É o pensamento debruçado sobre si mesmo para reajustar-se à realidade. Trata-se, pois, não de fazer sessões, provocar fenômenos, procurar médiums, mas de debruçar o pensamento sobre si mesmo, examinar a concepção espírita do mundo e reajustar a ela a conduta através da moral espírita.

Estoicismo e Filosofia Espírita

O filósofo EPICTETO, um estóico cujas ponderações vem ao encontro de muitas expressões de bem estar e auto conhecimento desenvolvidos pela Filosofia Espírita.

Quem foi Epicteto?

Epicteto nasceu durante o período inicial do Império Romano, em 50 ou 55 na cidade de Hierápolis, “uma antiga cidade localizada no vale do rio Lico, próxima as cidades de Laodiceia e Colossas, na região clássica da Frígia. Suas ruínas ficam ao lado da cidade de Pamukkale, na atual Turquia.

A cidade floresceu no período helenista, foi parcialmente destruída por um terremoto “que o fez perder todo o seu antigo caráter helenístico para se tornar uma típica cidade romana. Nesse período, tornou-se um importante centro de descanso de verão para os nobres de todo o império, que iam a cidade atraídos pelas águas termais. Mais tarde sob o domínio bizantino, caiu nas mãos dos seljúcidas em 1210. Foi completamente destruída por um terremoto em 1354.” (wiki)

Hoje as suas ruínas são reconhecidas como patrimônio da humanidade pela UNESCO.

“Nesta cidade residiram Papias, discípulo do apóstolo João e Epiteto, filósofo estoico. A cidade de Hierápolis é mencionada uma única vez na Bíblia, na Epístola aos Colossenses, onde o apóstolo Paulo de Tarso encarcerado em Roma cita sobre o zelo que Epafras, um companheiro de suas aflições, tem pela igreja de Hierápolis.”

Pois bem, Epicteto viveu a maior parte de sua vida (88 anos), em Roma, onde, contam as tradições, ele foi escravo, a serviço de Epafrodito, o cruel secretário de Nero, que segundo essa mesma tradição, quebrou-lhe uma perna.

Não obstante a vida difícil, Epicteto aproximou-se do filósofo estóico Caio Musônio Rufo, tornando-se ele mesmo filósofo do Estoicismo.

Segundo Roberto Radice, prof. de História de Filosofia Antiga da Universidade Católica de Milão, o Estoicismo floresceu na Grécia e em Roma.

Diz Radice : “*A base em que se apoia consiste de uma considerável quantidade de textos em parte apenas mencionados, em parte relatados totalmente, e que em seu conjunto fixam e justificam o percurso argumentativo da obra.*” (Página 11)

Radice ressalta “*a força moral daqueles incontáveis estoicos romanos que pagaram com a vida sua coerência aos*” seus princípios.

Segundo Radice, o estoicismo contribuiu para a formação do “*primeiro pensamento cristão e no desenvolvimento da filosofia de fundo religioso característica da época imperial.*”

Seguramente, o estoicismo impressionou a vida de todos os que lhe seguiram os passos, como Sêneca e o imperador romano Marco Aurélio.

O Estoicismo é conhecido pela suas exigências de moral austera, porém conducente a um estilo de vida onde a busca pela paz e pela tranquilidade perpassam pelo sentimento de fé e profundo amor à vida.

Um exemplo, ou dos exemplos dessa força do estoicismo na moral de seus adeptos, é o caso do penúltimo dos grandes estóicos, Epicteto, escravo, e o último, “Marco Aurélio, imperador de Roma; não nos esqueçamos também de que o Estoicismo foi a única "escola" filosófica grega a ter mártires.

No tempo de Nero e de Domiciano, muitos estóicos romanos (...) foram perseguidos ou levados ao suicídio, como por exemplo Sêneca, por sua aversão ao tirano Nero, devido não a motivos políticos, mas morais, pela vida dissoluta e escandalosa dos imperadores.

Dentre as linhas fundamentais do Estoicismo encontramos a capacidade da escola de potencializar “os aspectos consoladores da filosofia, bem como sua função terapêutica dos males da alma.

“Essa iniciativa, bem como outras, convergiam, todas elas, à tentativa de dar segurança ao homem por um processo que se pode chamar de identificação com todo o Universo, para que pudesse viver verdadeiramente segundo a natureza”, ou seja, respeito e harmonia com relação ao conjunto da Natureza.

“A busca da ‘cosmicidade’ do homem – se é que podemos chamar assim, e a Filosofia Espírita igualmente nos convida a ser partícipes da criação, respeitando as diversas formas de vida na natureza, e também indo ao encontro do pensamento de F. Capra, em seu belo livro ‘A Teia da Vida’ – “também foi garantia da difusão do Estoicismo, de sua adaptabilidade a contextos diversos (por exemplo, em Roma) e da eficácia no campo social e dos costumes, devida também à contínua renovação a que se submeteu.”

Afirma Radice, que “uma das fases, do desenvolvimento do Estoicismo, a última, chamada Neoestoicismo de Sêneca, Musônio Rufo, Epicteto e Marco Aurélio, que se colocam no I-II séculos d.C., é expressão do ambiente romano (...). Este momento, em seu todo, desenvolve os temas morais da doutrina e ignora aqueles ligados à lógica e à física, a não ser pelos aspectos que ajudam na determinação da conduta do homem.”

Radice destaca que “**o fim do filosofar é a ética** “ – e eu pergunto a você, **qual a finalidade da Filosofia Espírita?**

É a ética! E Allan Kardec ainda qualifica essa ética com a moral de Jesus de Nazaré!

O segundo aspecto, a lógica estóica, “ tem em sua maior parte uma função crítico-defensiva dos princípios morais”; aqui a lógica espírita expande-se, já que a Filosofia Espírita é bem mais ampla, abarcando todo o conhecimento humano.

Fiquemos com o aspecto ético e sua convergência com a Filosofia Espírita e os ensinamentos ético-morais de Jesus.

No livro “A Arte de Viver”, escrito por Sharon Lebell, com base no Manual de Epicteto, a autora destaca esses aspectos Virtude, Felicidade e Sabedoria em aforismos ou pequenos textos de intensa profundidade:

“A felicidade só pode ser encontrada dentro de nós”

“Para fazer bem qualquer coisa, você precisa ter a humildade de tropeçar aqui e ali, de se perder de vez em quando, de cometer erros elementares. Tenha a coragem de tentar realizar alguma tarefa encarando a possibilidade de realizá-la mal. As vidas medíocres são marcadas pelo temor de não parecer capaz ao tentar algo novo.”

“Pratique assumir uma atitude grata diante da vida e você será feliz. Se você enxerga tudo de uma perspectiva mais ampla, é natural que dê graças a tudo o que acontece.”

“Contemple o mundo (...) com os olhos de um principiante. Saber que você não sabe e estar disposto a admitir isso sem desculpas nem acanhamento é ser forte de verdade e preparar o terreno para aprender e progredir em qualquer atividade.”

“Para viver uma vida de virtude, você precisa tornar-se coerente, mesmo se isso não for conveniente, confortável ou fácil. A maioria das pessoas quer ser boa e tenta de alguma forma conseguir isso, mas costuma ceder à lassidão, quando enfrenta um desafio moral.”

“O primeiro passo para viver com sabedoria é renunciar à vaidade.”

“No que diz respeito à arte de viver, o material é a sua própria vida. Não se pode criar grandes coisas de uma hora para outra. É preciso tempo. Dê o melhor de si e seja sempre bom.”

Epicteto (55 d.C. – 135 d.C.) ensinou em Roma até o ano 94 da era cristã, quando o imperador Domiciano baniu todos os filósofos da cidade. No exílio, ele estabeleceu sua escola filosófica, tendo entre seus alunos o futuro imperador romano Marco Aurélio, autor de Meditações.”

“Com apaixonada simplicidade, o filósofo Epicteto concebeu o primeiro e mais admirável Manual do ocidente sobre como viver melhor – com sabedoria, dignidade e tranquilidade.

“Nascido escravo por volta do ano 55 d.C., no Império romano, ele se tornou um dos grandes mestres do Estoicismo, “ – em sua terceira fase – “e dedicou sua vida a responder a duas questões fundamentais: ‘como viver uma vida plena e feliz, e ‘como ser uma pessoa com qualidades morais. “

“Epicteto acreditava que a meta principal da filosofia é ajudar as pessoas comuns a enfrentar positivamente os desafios cotidianos e a lidar com as inevitáveis perdas, decepções e mágoas da vida.” (A Arte da Vida, Epicteto – org. Sharon Lebell)

A escola estóica nesta fase de sua existência, por meio de seus pensadores romanos “trouxe a essência de uma filosofia cujos méritos foram comprovados pelo tempo.

Sonia Theodoro da Silva, filósofa e espírita.

Fonte: filosofiaespírita.org

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Psicologia Espírita por Joanna de Ângelis

A proposta desta série psicológica encontra-se em plena consonância com os postulados básicos do Espiritismo - a crença em Deus, na imortalidade da alma, na comunicabilidade dos espíritos, na reencarnação e na pluralidade dos mundos habitados – e com o pensamento do próprio Codificador, Allan Kardec, que estabeleceu em A Gênese que: “Espiritismo e Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.” Recordemos que Kardec colocou no subtítulo da Revista Espírita o termo Jornal de Estudos Psicológicos, dando a entender a importância de estudar-se a alma como um todo, e não em partes.

Vontade

Nietzsche, o filósofo alemão, definiu vontade como o impulso fundamental inerente a todos os seres vivos, que se manifesta na aspiração sempre crescente de maior poder de dominação. Considerado esse poder de dominação como algo que se expressa além do ego desejoso de sobrepor-se às demais criaturas, o sentido da definição apresenta-se corretamente. Isto porque a vontade é a faculdade de bem conduzir as aspirações, objetivando uma finalidade compensadora, que resulte em paz íntima.

Somente através da sua conscientização é que os indivíduos descobrem as infinitas possibilidades que se lhes encontram à disposição para o processo de desenvolvimento interior, tendo em vista a autorrealização. A vontade, no entanto, procede do Self, cuja maturidade se exterioriza em forma de querer e conseguir ou de não desejar e, por isso mesmo, considerar-se fraco, incapaz de atingir as metas que os outros alcançam.

A razão indica a necessidade de lograr-se algo, e a vontade pode ser considerada como o ato mental que deve ser transformado em ação mediante o empenho com que seja utilizada. Quanto maior o desenvolvimento intelecto-moral do indivíduo, e mais ampla será a sua capacidade de lutar e vencer, ampliando-se-lhe a área da vontade que se lhe exterioriza, auxiliando-o na conquista de patamares mais elevados, que sempre o estimulam a novos cometimentos.

Vários fatores, no entanto, endógenos e exógenos, respondem pela ação da vontade. Em razão da imaturidade psicológica ou dos transtornos de comportamento que experimente, o indivíduo sofre efeitos hormonais e de outros produzidos pelos neuropeptídeos, que desarticulam as substâncias responsáveis pela afetividade e induzem a estados de incapacidade emocional para decisões e atitudes que exijam força interior e desejo de vitória. Respondem pelos desvios de conduta, pelas quedas sensacionais em compromissos de inércia ou cumplicidade nos desequilíbrios de variada denominação, terminando por ceifar a esperança e o esforço de quem lhes padece a injunção algo penosa. Por outro lado, as circunstâncias educacionais, os hábitos domésticos, o convívio social, cuja procedência seja perturbadora, as aflições psicossociais, socioeconômicas e morais afetam poderosamente a vontade daquele que se deixa permear pelo interesse vigente ou se adapta à situação angustiante.

A vontade deve e pode ser trabalhada através de exercícios mentais, da geração de interesse e de motivação para conseguir-se a autorrealização, a conquista de recursos de vária natureza, especialmente na transformação dos instintos em sentimentos, dos hábitos doentios em saúde, da conquista da beleza, dos ideais de engrandecimento humano. Ninguém é destituído de vontade, porquanto tudo que se realiza, no movimento e na ação, está vinculado a esse fulcro desencadeador de forças para a objetivação.

A vontade é, portanto, o motor que impulsiona os sentimentos e as aspirações humanas para a conquista do infinito, sendo sempre maior quanto mais é exercitada. Inexpressiva, nos primeiros tentames, logo se transforma em comando das possibilidades que se dilatam, enriquecendo o ser com os valores imperecíveis da sua evolução. A vontade se radica nos intrincados tecidos sutis do Espírito que, habituado à execução de tarefas ou não, consegue movimentar as forças internas de que se constitui, a fim de atingir os objetivos que lhe devem representar fator de progresso.

Quando alguém fracassa, em qualquer atividade, isso não representa debilidade de esforço ou falta de vontade bem-direcionada, antes transforma-se em um elemento de experiência para futuros tentames. Da mesma forma como a enfermidade e a morte não significam fracasso da Medicina, que sempre se apresenta para modificar os quadros dos distúrbios e desgastes orgânicos, prorrogando o período de vida do paciente, o insucesso nos empreendimentos humanos igualmente não se expressa como ausência da fonte poderosa da vontade.

Toda tentativa que não resulta como um sucesso, transforma-se em mensagem de conquista de valor que poderá ser utilizado em nova ocasião, facultando o logro noutra ensejo.

À vontade, por isso mesmo, não cede quando falecem os resultados, repetindo a experiência quantas vezes sejam necessárias até que se colimem os interesses que se têm em mente.

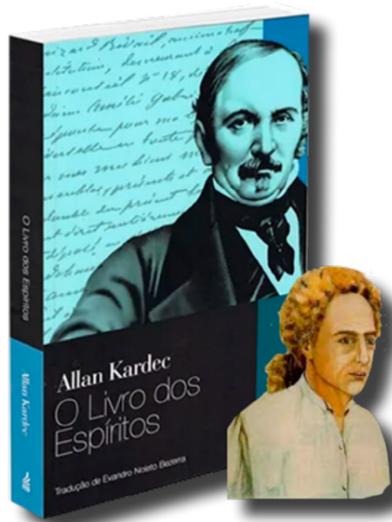
Desenhado um objetivo interior, e de imediato forças complexas apresentam-se para que ele seja conquistado.

Há, entretanto, hábitos arraigados no psiquismo do Espírito, que propõem ao avanço ou facilmente desistem de ser levados adiante. São os antigos fracassos que ressumam dos refolhos do Self que, sem estímulos, recua, deixando que aconteça conforme seja mais fácil ou que simplesmente não suceda.

Repetindo-se a tentativa, cria-se o hábito de agir e, por consequência, este se torna elemento vital para a vontade. Sem uma vontade bem-direcionada não há vida saudável.

Fonte: Livro *Triunfo Pessoal (Psicografia Divaldo P. Franco)*

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais



O Livro dos Espíritos Sob a Ótica Filosófica de Miramez

“O Livro dos Espíritos é um sinal das leis universais. Quem nele estuda, meditando em seus ensinamentos, e com a ajuda de outros livros que lhe dão sequência, passa a compreender que os sinais são frases e que as frases são forças indicativas para a libertação da alma.

A coleção Filosofia Espírita é um pequeno curso para despertar no estudante valores morais e espirituais. Ele pode abrir caminhos para que a caridade se solidifique nos corações dos leitores, ampliando o saber em seqüência admiráveis.” – Miramez.

» O Livro dos Espíritos » Parte Quarta

» Das leis morais Capítulo XII

» Da perfeição moral

» Conhecimento de Si Mesmo

919. Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?

“Um sábio da antiguidade vo-lo disse: Conhece-te a ti mesmo.”

a) — *Conhecemos toda a sabedoria desta máxima; porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?*

“Fazei o que eu fazia quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticou durante o dia e inquirisse de si mesmo o bem ou o mal que fez, rogando a Deus e ao seu anjo guardião que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistiria. Dirigi, pois, a vós mesmos perguntas, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo procedestes em tal ou tal circunstância, sobre se fizestes alguma coisa que, feita por outrem, censuraríeis, sobre se obrastes alguma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda mais: “Se aprovesse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada pode ser ocultado?” Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado.

“O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual. Mas, direis, como há de alguém julgar-se a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio para atenuar as faltas e torná-las desculpáveis? O avarento se considera apenas econômico e previdente; o orgulhoso julga que em si só há dignidade. Isto é muito real, mas tendes um meio de verificação que não pode iludir-vos. Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificaríeis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais noutrem, não a podereis ter por legítima quando fordes o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de sua justiça. Procurai também saber o que dela pensam os vossos semelhantes e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade, e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo. Perscrute, conseguintemente, a sua consciência aquele que se sinta possuído do desejo sério de melhorar-se, a fim de extirpar de si os maus pendores, como do seu jardim arranca as ervas daninhas. Faça o balanço de seu dia moral, como o comerciante faz o de suas perdas e seus lucros; e eu vos asseguro que a primeira operação será mais proveitosa do que a segunda. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar na outra vida.

“Formulai, pois, de vós para convosco, questões nítidas e precisas e não temais multiplicá-las. Justo é que se gastem alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna. Não trabalhais todos os dias com o fito de juntar haveres que vos garantam repouso na velhice? Não constitui esse repouso o objeto de todos os vossos desejos, o fim que vos faz suportar fadigas e privações temporárias? Ora, que é esse descanso de alguns dias, turvado sempre pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá este outro a pena de alguns esforços? Sei haver muitos que dizem ser positivo o presente e incerto o futuro. Ora, esta exatamente a ideia que estamos encarregados de eliminar do vosso íntimo, visto desejarmos fazer que compreendais esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida em vossa alma. Por isso foi que primeiro chamamos a vossa atenção por meio de fenômenos capazes de ferir-vos os sentidos e que agora vos damos instruções, que cada um de vós se acha encarregado de espalhar. Com este objetivo é que ditamos O Livro dos Espíritos.”

SANTO AGOSTINHO.

Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas. Se, efetivamente, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais amiúde a nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem que o suspeitemos, unicamente por não perscrutarmos a natureza e o móvel dos nossos atos.

A forma interrogativa tem alguma coisa de mais preciso do que as máximas, que muitas vezes deixamos de aplicar a nós mesmos. Aquela exige respostas categóricas, por um sim ou um não, que não abrem lugar para qualquer alternativa e que são outros tantos argumentos pessoais. E, pela soma que derem as respostas, poderemos computar a soma de bem ou de mal que existe em nós.

Comentário de Miramez (Livro Fisolosifa Espírita XIX)

Cap. 01 - Conhece-te a Ti Mesmo

A indução do mal é constante na alma que começa a chegar à maturidade espiritual, no entanto, é nesta oportunidade que ela assimila conhecimentos espirituais, capazes de levá-lo à libertação.

Conhecer-se a si mesmo é a chave preciosa de despertamento dos valores internos, onde o coração é a porta e a consciência, a sala de meditação. Deves, ao final de cada dia, se possível, pensar nos teus atos e analisá-los com bastante rigor, procurando, no outro dia, corrigir alguma coisa que não podes desejar para os outros.

O mal, por vezes, é necessário, como diz Jesus, no tocante ao escândalo, pois é por seu intermédio que passamos a valorizar o bem. Ele é o mesmo bem invertido. Todos, sem exceção, praticamos o inconveniente. Como agricultor ao chegar à mata virgem, que somente encontra dificuldades, depois de tudo pronto, a lavoura medra no terreno, dando-lhes prazer, como frutos do trabalho que venceu todas as dificuldades. Deves fazer qual o comerciante precavido, que sempre, em todo final de dia, dá um balanço na sua organização, para saber o que deve mudar para melhor, conhecendo a intimidade da sua casa comercial. Por que não fazer assim, com o comércio dos teus pensamentos no dia-a-dia, observando o que deve ser mudado para melhor, moralmente?

É um trabalho algo pesado, mas que o bom senso pede urgência, principalmente entre os espíritas conscienciosos, que estudam com sinceridade a Doutrina dos Espíritos. Aí os benfeitores espirituais vêm em auxílio aos de boa vontade, ajudando-os no conhecimento de si mesmos.

Conhece-te a ti mesmo é a alta iniciação que a maturidade oferta à alma porque, passando a conhecer-se, fica mais fácil conhecer e respeitar os outros. Podemos dizer que o Espírito, em qualquer posição em que esteja, na carne ou no mundo espiritual, que conhece a si mesmo, encontrou a medula da vida, de onde poderá confortar o corpo e o próprio Espírito, abrindo a visão para a vida transcendental, onde nos aguardam a esperança e a certeza de que não existe morte, porque os sentidos crescem em todas as direções, nos mostrando vida em tudo, desde o vírus até os acúmulos dos mundos que circulam dentro da criação de Deus. Deus é vida.

Para se conhecer a si mesmo, o primeiro passo é o desprendimento, mas que seja feito com certo discernimento, principalmente na época em que vives.

E se emprestais àqueles de quem esperais receber qual é a vossa recompensa? Também os ímpios emprestam aos ímpios, para receberem outro tanto. (Lucas, 6:34)

A usura empana a mente, onde pode dirigir o coração. O interesse pessoal é capaz de turvar os sentimentos de amor, dando outra direção à força do bem, de sorte que o egoísmo cresça e o orgulho passe a dominar o ambiente de paz, surgindo a guerra, e enquanto houver essa luta, jamais o homem entenderá o conhece-te a ti mesmo.

Deus fez as leis espirituais, por saber que começaríamos a vida, torcendo os mandamentos. As leis formuladas por Ele nos ajudam a compreendê-Lo na sua profundidade. A ignorância, ao desaparecer, vai cedendo lugar à compreensão, e a alma percebe que existe a felicidade, pelos raios de paz na consciência que vão surgindo, pela marca do amor.

A Doutrina dos Espíritos, pelos processos da mediunidade, estabelece na Terra modalidades variáveis de aprendizado, pela variação dos sentimentos humanos. Isso é justiça, dando a cada um a lição que merece, ajustando suas forças na força de Cristo.

Sê atento aos meios por que Deus fala ao teu coração, e não percas oportunidade no aprendizado. A tua senda de crescimento somente tu entendes, porque Deus não falha nos teus caminhos nem Cristo te abandona nas tuas lutas.

Esforça-te para não te esqueceres dessa máxima atribuída a Sócrates, mas que é repetição do mesmo que disseram outras almas do passado. Verdadeiramente ela é de Jesus, vinda d'Ele pelos processos do mediunismo mais puro, para almas que viviam à luz da fraternidade.

Fontes: O Livro dos Espíritos e Filosofia Espírita Vol XIX

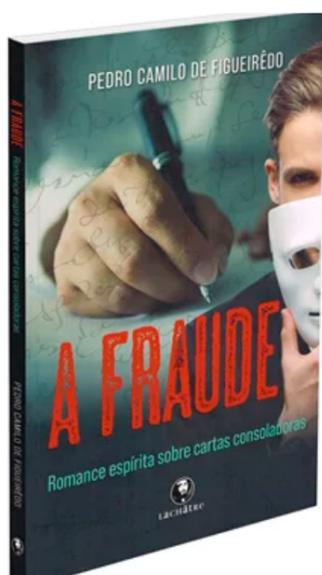
Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais



Dicas de Leitura

O Espiritismo está fundamentado na razão (no raciocínio), na lógica, no equilíbrio e no bom senso, sobretudo na razão, de tal modo que a leitura e, de preferência, a leitura constante, intensa, constitui grande contributo ao seu entendimento, à sua boa compreensão.

A Fraude - Pedro Camilo de Figueirêdo



A Fraude, primeiro romance espírita do escritor Pedro Camilo de Figueirêdo, conta a história de Glauber, expositor espírita e delegado da polícia federal, cujos caminhos se cruzam com os de Genésio, médium de psicografia que se dedica a obter “cartas consoladoras”. Nesse encontro de caminhos, entre o dever profissional e o compromisso doutrinário, Glauber será surpreendido por uma descoberta que impactará significativamente sua vida e o movimento espírita brasileiro.

Vazado numa linguagem simples e direta, em que mescla o suspense policial, a ficção e a fundamentação doutrinária espírita, A Fraude nos conduz a pensar criticamente, de forma leve, mas ao mesmo tempo profunda, sobre nossa relação com a mediunidade, o espiritismo e os espíritos, convidando o/a leitor/a a refletir sobre o que há de verdade na prática mediúcnica da atualidade.

Encomende seu exemplar em nossa livraria: <https://bit.ly/37j8dJu>



Sensibilidade Afetiva

“Se os homens se amassem com mútuo amor, mais bem praticada seria a caridade; mas, para isso, mister fora vos esforçásseis por largar essa couraça que vos cobre os corações...”

(Pascal. Sens, 1862. Evangelho Segundo o Espiritismo- Cap. XI, item 12)



A afetividade é a capacidade do ser humano de experimentar tendências, emoções, paixões e sentimentos. Por meio do afeto entendemos o mundo, damos significado às nossas relações e à vida.

Observe quão especial se torna uma relação quando expressamos nosso afeto! Por exemplo: um casamento é uma formalidade, mas pode ser muito especial na sua vida quando você está se casando ou é casado com a pessoa que ama. Um trabalho pode ser um difícil ganha pão ou uma oportunidade de fazer seu melhor, de servir ou de estar com pessoas que admira! O luto é outro bom exemplo: quando lamentamos o desenlace de alguém, sentimos saudades, estamos expressando o afeto por aquela pessoa que acaba de partir para pátria espiritual.

O Espírito Ermance Dufaux, na obra de Wanderley de Oliveira, Laços de Afeto, tece valiosos comentários sobre nossas inibições ou dificuldades afetivas. Da leitura, extraímos alguns pontos de atenção, como a necessidade de sinceramente refletirmos sobre o tema “endurecimento do afeto” e buscarmos encontrar as “feridas do coração” que lhe deram origem gerando insensibilidade no trato conosco e com os outros. Quais seriam nossas vivências dolorosas, traumas, carências, culpas, revoltas que nos conduziram à instabilidade emocional ou a relacionamentos conflituosos, regados a muita raiva, agressividade e pouca paz? Vamos refletir construtivamente?

Afirma a benfeitora que “quanto mais maduro espiritualmente, mais disposto ao afeto encontra-se o ser”. Mas a maturidade, sabemos, pressupõe muitas experiências construtivas no caminho de evolução de um espírito. É uma conquista trabalhada ao longo dos séculos, com o exercício da ponderação, da honestidade e do serviço amoroso.

Assim, cada individualidade, neste planeta e neste momento, se encontra num determinado patamar, mas todos, certamente, com a capacidade de reflexão e dedicação rumo à reeducação de tendências, inclinações e sentimentos. Buscar a cura de “antigas feridas” e renovar atitudes, cicatrizando as “feridas do afeto”, é possível para todos nós! Entretanto, ao simples querer há que se somar a disciplina, a fé, a humildade. É preciso romper com os dolorosos grilhões da insegurança, da autopiedade, das exigências fantasiosas (“quero ser amado e compreendido por todos”), entendendo que é mais valioso dar afeto do que recebê-lo, “gratificando-se no ato de amar, mesmo que não seja amado”, reforça Ermance Dufaux.

Sobre a possibilidade de vencermos nossas más tendências, nossos hábitos equivocados, nos esclarecem os Espíritos, na questão 909 da obra de Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, que sempre, através de nossos esforços, e “às vezes, pouquíssimos esforços”, poderíamos superar estas inclinações doentias, mas a verdade é que poucos entre nós estão dispostos a esta empreitada.

O desafio é buscar administrar a sensibilidade afetiva. A sensibilidade, entendida como recurso de elevação espiritual, ilumina o nosso raciocínio e nos permite: “estar sensível ao sucesso escolar do filho, ao esforço da companheira no lar, ao heroísmo do esposo em servir, proteger... com a reunião familiar para alimentação, com a oração feita em conjunto...”.

A ausência de sensibilidade afetiva nos impede de entendermos os motivos do próximo, estimula a indiferença e nos dificulta a caminhada rumo ao perdão, à tolerância e à aceitação amorosa do diverso. É tempo de mudar!

Tornar nossas relações mais afetuosas passa, sem dúvida, por conhecer nossos sentimentos, dar nome a eles, buscar controlar nossas reações e expressar carinho e atenção em todas as oportunidades, lembrando o que nos ensinou o Mestre Jesus, que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar ao próximo.

Letícia Schettino Peixoto

Fonte: feig.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

A prece, auxiliada pela união das vontades, opõe uma barreira fluídica inacessível às entidades inferiores” (Léon Denis)

Livro No Invisível



Instruindo-se com Revista Espírita

Textos extraídos da Revista Espírita, para um conhecimento mais aprofundado do trabalho de Kardec e das comunicações espirituais ou, como ele mesmo o disse, servir de complemento da Codificação.

Efeitos da Prece

Novembro de 1861

A prece é uma aspiração sublime, à qual Deus concedeu um poder tão mágico que os Espíritos a reivindicam constantemente. Orvalho suave como um refrigerio para o pobre exilado na Terra e um arranjo[1] fecundo para a alma em prova. A prece age diretamente sobre o Espírito para o qual é dirigida. Ela não transforma seus espinhos em rosas, mas modifica sua vida de sofrimentos (nada podendo sobre a vontade imutável de Deus) imprimindo-lhe esse impulso de vontade que levanta a sua coragem, ao dar-lhe força para lutar contra as provas e dominá-las. Por esse meio é abreviado o caminho que conduz a Deus e, como efeito maravilhoso, nada pode ser comparado à prece.

Aquele que blasfema contra a prece não passa de Espírito inferior, de tal modo terreno e atrasado que nem mesmo compreende que deve apegar-se a essa tábua de salvação.

Orai, pois a prece é uma palavra descida do Céu; é a gota de orvalho no cálice de uma flor; é o sustentáculo do caniço durante a borrasca; é a tábua do pobre naufrago na tempestade; é o abrigo do mendigo e do órfão; é o berço para a criança dormir. Emissão divina, a prece nos liga a Deus pela linguagem, chamando sua atenção para nós. Orar por nós é amá-lo. Suplicar-lhe por um irmão é um ato de amor dos mais meritórios. A prece que vem do coração é a chave dos tesouros da graça; é o ecônomo que dispensa benefícios em nome da misericórdia infinita. A alma que se eleva para Deus por um desses impulsos sublimes da prece, desprendida de seu envoltório grosseiro, parece apresentar-se cheia de confiança perante ele, certa de obter o que pede com humildade. Orai! Orai! Fazei um reservatório de vossas santas aspirações, que será aberto no dia da justiça. Preparai o celeiro da abundância, tão precioso durante a carestia. Escondei o tesouro de vossas preces até o dia escolhido por Deus para distribuir o rico depósito. Acumulai para vós e para os vossos irmãos, o que diminuirá as vossas angústias e vos fará transpor mais rapidamente o espaço que vos separa de Deus. Reflete em tua miserável natureza; conta as tuas decepções e teus riscos; sonda o abismo profundo para onde podem arrastar-te as paixões; olha em torno de ti os que caem, e sentirás a necessidade imperiosa de recorrer à prece. É âncora de salvação que impedirá o esfacelamento do teu navio, tão sacudido pelas tormentas do mundo.

Teu Espírito familiar.

Fonte: Revista Espírita - Novembro de 1861

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Você sabe Quem Foi?

Casimiro Cunha

Poeta fluminense, nascido em Vassouras - cidade serrana do Estado do Rio de Janeiro - a 14 de abril de 1880.

Procedente de lar muito pobre, filho de Casimiro Augusto da Cunha e Maria dos Santos Cunha, teve uma única irmã, Leonor. Órfão de pai aos 7 anos, frequentou apenas o curso primário. Espírita convicto, torna-se cego de um olho aos 14 anos após acidente, vindo a perder completamente a outra visão aos 16 anos. Ainda jovem iniciou sua colaboração na imprensa vassourense. Foi um dos fundadores do Centro Espírita "Bezerra de Menezes" em Vassouras.

Aos 29 anos, em 04 de dezembro de 1909, casou-se com Carlota Mattoso Cunha, companheira dedicada e carinhosa, que muito o auxiliou nos afazeres literários, passando para o papel as poesias ditadas pelo poeta. Tiveram dois filhos: Dalpes e Delba, nomes dados em referencia à ilha de Elba e aos montes Alpes. O filho desencarnou ainda criança; a filha casou-se, residindo na capital fluminense, tendo desencarnado em junho de 1993.

Espírito jovial, exemplo de resignação e grande força moral, apesar da cegueira e dos poucos estudos, Casimiro Cunha era um poeta nato, tendo produzido mais de 10 livros, dentre eles "Violetas", "Efêmeros", "Aves Implumes", "Singelos", "Perispíritos" (1912), além do livro póstumo "Álbum de Delba" (1923). No entanto, não teve maior projeção no cenáculo literário do seu tempo, mau grado a suavidade da sua musa e os inatos talentos literários.

Merece registro a profunda amizade existente entre Casimiro Cunha e Batuíra, que ajudava o amigo vassourense, divulgando suas poesias nas colunas da revista espírita "Verdade e Luz" fundada por Batuíra em 25 de maio de 1890, na capital paulista. A convite de Casimiro, Batuíra esteve algumas vezes em Vassouras para divulgar a doutrina espírita naquela região.

É de Casimiro Cunha a poesia "Vassouras à tardinha" (publicada no livro "Fatos Vassourenses" de Jorge Pinto e no livro "Paisagens Fluminenses" de Jacy Pacheco) e o soneto "No Exílio" do livro "Sonetos Brasileiros" de Laudelino Freire.

Numa casa singela da Rua Caetano Furquin, nº 288 em Vassouras, encontramos uma lembrança de amigos, conterrâneos e admiradores, com os seguintes dizeres: *"Aqui nasceu e morreu Casimiro Cunha, mavioso poeta vassourense que muito cantou, amou e honrou sua terra natal"*.

Forte no infortúnio, que sabia aproveitar no enobrecimento de sua fé, Casimiro Cunha, voltou-se às paragens celestiais e adotou a linguagem dos anjos para se comunicar com os homens. Sua poesia é bela, terna, envolta em névoa de tristeza, uma exaltação à morte, evidenciando, contudo, a resignação do espírito que buscava sublimar todo o sofrimento que lhe ia na alma.

Lembramos aqui as palavras do amigo e companheiro de ideal, poeta e jornalista valenciano, radicado em Vassouras, Manoel Quintão, que soube definir como poucos a grandeza espiritual de Casimiro Cunha, no prefácio do livro "Singelos", publicado em 1904:

"Livro de um cego que fechou os olhos às misérias da Terra, para melhor escrever as belezas do Céu".

Casimiro Cunha desencarnou aos 34 anos em 7 de novembro de 1914 deixando vasta e preciosa obra literária. Foi sepultado no Cemitério Municipal de Vassouras, imortalizado com o seguinte epitáfio:

"O poeta vassourense Casimiro Cunha e seu filho Dalpes".

Desencarnado, continuou a brindar-nos com seus versos, através da mediunidade abençoada de Chico Xavier com "Cartilha da Natureza", "Cartas do Evangelho", "Gotas de Luz", "Juca Lambisca" e participação em inúmeras antologias.

Hoje, Casimiro Cunha é o inspirador da Divulgação Braille Casimiro Cunha, departamento do GEEM - Grupo Espírita Emmanuel de São Bernardo do Campo, cujo objetivo é a divulgação da Doutrina Espírita para os deficientes visuais.

Bibliografia:

- "Parnaso de Além-túmulo" - 16ª edição - FEB pág.194-210.
- "Batuíra, o Diabo e a Igreja" - © 2003, Madras Editora Ltda - pág 85-90.
- Galeria Vassourense Rudy Mattos da Silva. Vassouras, HTI Editora, 1999 - p48.
- Academia Vassourense de Letras - pág 64-75

Fonte: mensagemespirita.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



O Estudo do Evangelho no Lar é uma reunião em família, num determinado dia e horário da semana, para uma leitura e troca de ideias sobre os ensinamentos cristãos, em proveito do nosso próprio esclarecimento e do equilíbrio no lar.

Momento que nos permite elevar nossos pensamentos e sentimentos, favorecendo assim a assistência dos Mensageiros do Bem.

Roteiro para Evangelho no Lar:

<https://www.geedem.org.br/evangelho-no-lar>

Músicas para Evangelho no Lar:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLzuBi_

Siga a Família GEEDEM.

Clique nos ícones paea ser direcionado.



Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo



Lançada em 15 de abril de 1864, esta terceira obra básica da codificação espírita aborda os chamados evangelhos canônicos sob a ótica do espiritismo. Não se trata de uma "bíblia espírita" ou mesmo de reinterpretação doutrinária deste livro. Sua introdução define seu objetivo: abordar exclusivamente o ensinamento moral do evangelho, pois esse código divino “é, acima de tudo, o caminho infalível da felicidade esperada”.

Baseado em instruções dos espíritos superiores, Allan Kardec se empenha em extrair dos evangelhos princípios universais de ordem ético moral e demonstrar sua consonância com aqueles defendidos pelo espiritismo.

Composto de 28 capítulos, 27 dos quais dedicados às explicações das máximas de Jesus, O Evangelho Segundo o Espiritismo restabelece os ensinamentos do Mestre Nazareno em seu verdadeiro sentido – em espírito e verdade –, e torna-se leitura obrigatória a todos que se preocupam com a

Cap. XVIII: Muitos os Chamados e Poucos os Escolhidos Item 16: Reconhece-se Os Cristãos Pelas Suas Obras

Leia no capítulo na íntegra aqui:

<https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/887/o-evangelho-segundooespiritismo/2544/capitulo-xviii-muitos-os-chamados-poucos-os-escolhidos/instrucoes-dos-espiritos/pelas-suas-obras-e-que-se-reconhece-o-cristao>

O autor, Simeão, comenta as palavras de Jesus: “*Nem todos os que me dizem Senhor, Senhor, entrarão no Reino dos Céus, mas somente o que faz a vontade de meu Pai, que está nos Céus.*”

Ele evidencia o critério de Jesus no reconhecimento do que é ser cristão: “*Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má dar bons frutos. Toda árvore que não der bons frutos, será cortada e lançada ao fogo*”, isto é, no fogo das consequências da sua improdutividade, da sua imperfeição.

Todavia, a árvore frondosa do cristianismo, que produz frutos de esperança, de fé, ainda não é compreendida por muitos que se põem sob sua fronde, não aproveitando seus frutos, por não perceber a qualidade do seu sabor e a riqueza das suas substâncias para a saúde, prazer e bem-estar da alma.

Nem todos os que se dizem cristãos, em realidade o são, pois, muitos buscam amoldar seus frutos às suas conveniências materiais, usando-os para seus interesses pessoais, atitude própria de um ser imperfeito e rebelde, que não sabe usar todos os recursos da alma para ver, ouvir, sentir, apalpar, e cheirar a vida.

Desse modo, o cristianismo, para muitos, se tornou uma árvore improdutiva, ou produzindo maus frutos.

E Simeão conclama o cultivo dessa árvore, como Jesus a plantou, regando-a com seus ensinamentos, e dando-lhe o adubo dos seus exemplos, durante seu viver em um mundo material e imperfeito, mesmo percebendo e sabendo que muitos dos seus seguidores a deixariam sem cuidados, e a mutilariam.

“Deixai-a assim como o Cristo vo-la deu: não a mutileis. Sua sombra imensa quer estender-se por todo o universo: não lhe corteis a ramagem. Seus frutos generosos caem com abundância, para atender o viajor cansado, que deseja chegar ao seu destino.”

Por isso, esses frutos devem ser distribuídos a todos, na sua pureza cristã, sem deturpações, sem querer adequá-los às conveniências individuais e sociais.

O contrário deve ser feito, ou seja, cada um deve esforçar-se para adequar-se a eles, estudando-os, analisando-os sempre dentro do contexto geral da mensagem de Jesus, porque só assim seus frutos poderão ser apreciados e desejados por todos. E só assim, eles cumprirão sua função de tornar essa humanidade imperfeita, egoísta, materialista, orgulhosa, em uma humanidade fraterna, solidária, progressista no bem de todos, para todos.

“São muitos os chamados, e poucos os escolhidos”, disse Jesus, mas não precisa ser assim para sempre, visto que o Mestre também disse que nenhuma ovelha das que o Pai lhe confiara, se perderia, afirmando assim que toda a humanidade da Terra, constituída de encarnados e desencarnados, alcançará, um dia, a perfeição e a felicidade. “Sede perfeitos.”

Busquemos, nós, os espíritas, divulgar os ensinamentos de Jesus, à luz do espiritismo, o mais possível, usando os recursos disponíveis, sempre que houver a possibilidade, mas, principalmente, pelo exemplo do esforço de vivenciá-los no dia-a-dia, em quaisquer circunstâncias ou situações, com quaisquer pessoas.

Só assim, estaremos aproveitando os frutos bons dessa árvore sublime que veio para toda a humanidade, e cuja regra áurea é “fazer aos outros tudo o que se deseja para si”.

Leda de Almeida Rezende Ebner – Novembro/2015

Fonte: cebatuira.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Ciência e Espiritismo

“O Espiritismo e a Ciência se complementam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.

(Allan Kardec- A Gênese Cap. I - item 16)

Formação dos Seres Vivos - Princípio Vital

Houve tempo em que não existiam seres vivos na Terra; logo, eles tiveram um começo. Cada espécie foi aparecendo à medida que o globo adquiria as condições necessárias à sua existência.

a) Formação dos seres vivos

A Terra continha os germes dos seres vivos, "que aguardavam o momento favorável para se desenvolverem. Os princípios orgânicos congregaram-se, desde que cessou a actuação da força que os mantinha afastados, e formaram os germes de todos os seres vivos. Estes germes permaneceram em estado latente de inércia, como a crisálida e as sementes das plantas, até ao momento propício ao surto de cada espécie. Os seres de cada uma destas reuniram-se, então, e multiplicaram-se."

Os elementos orgânicos, antes da formação da Terra, achavam-se em estado fluídico no espaço, no meio dos espíritos, ou em outros planetas, à espera da criação da Terra para começarem existência nova em novo globo.

A espécie humana encontrava-se entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre, e veio a seu tempo. Foi o que deu lugar a que se dissesse que o homem se formou do limo da terra.

Quanto à época do aparecimento do homem e dos seres vivos na Terra todos os cálculos humanos são quiméricos.

"O princípio das coisas está nos segredos de Deus. Entretanto, pode dizer-se que os homens, uma vez espalhados na Terra, absorveram em si mesmos os elementos necessários à sua própria formação, para os transmitir segundo as leis da reprodução. O mesmo se deu com as diferentes espécies de seres vivos."

O homem surgiu em muitos pontos do globo, e em várias épocas, o que também constitui uma das causas da diversidade das raças, além dos factores do clima, da vida e dos costumes. Mais tarde, dispersando-se os homens por climas diferentes e aliando-se os de uma aos de outras raças, novos tipos se formaram.

Emmanuel, no seu livro "A Caminho da Luz", revela que *"as formas de todos os reinos da natureza terrestre foram estudadas e previstas"* sob a orientação sábia do Cristo, que coordenava o trabalho de numerosas assembleias de operários espirituais. Acrescenta ele: *"Os fluidos da vida foram manipulados, de modo a se adaptarem às condições físicas do planeta, encenando-se as construções celulares segundo as possibilidades do ambiente terrestre, tudo obedecendo a um plano preestabelecido (...) Uma camada de matéria gelatinosa envolveu o orbe terreno nos seus mais íntimos contornos. Essa matéria, amorfa e viscosa, era o celeiro sagrado das sementes da vida. O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre, e, se essa matéria, sem forma definida, cobria a crosta solidificada do planeta, em breve a condensação da massa dava origem ao surgimento do núcleo, iniciando-se as primeiras manifestações dos seres vivos. Os primeiros habitantes da Terra, no plano material, são as células albuminóides, as amebas e todas as organizações unicelulares, isoladas e livres, que se multiplicam prodigiosamente na temperatura tépida dos oceanos."*

b) Princípio vital

Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de actividade íntima, que lhes dá a vida. Nessa classe estão os homens, os animais e as plantas.

Seres inorgânicos são todos os que carecem de vitalidade, de movimentos próprios e que se formam apenas pela agregação da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar, etc.

A força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e inorgânicos é a mesma. A matéria que compõe esses corpos também é a mesma, porém, nos corpos orgânicos está animalizada, pela sua união com o princípio vital.

A vida é um efeito devido à ação de um agente sobre a matéria que é o princípio vital. Esse agente, sem a matéria, não é a vida, do mesmo modo que a matéria não pode viver sem esse agente. Ele dá vida a todos os seres que o absorvem e assemilam.

"Combinando-se sem o princípio vital, o oxigénio, o hidrogénio, o azoto e o carbono unicamente teriam formado um mineral ou corpo inorgânico; o princípio vital, modificando a constituição molecular desse corpo, dá-lhe propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica."

O princípio vital tem por fonte o fluido universal. É o que chamamos fluido magnético, ou fluido elétrico animalizado. É o intermediário, o elo existente entre o espírito e a matéria. Ele é um só para todos os seres vivos, mas modificado segundo as espécies. É ele que lhes dá movimento e actividade e os distingue da matéria inerte, porquanto o movimento da matéria não é vida. Esse movimento ela o recebe, não o dá.

A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela acção do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda. Cessada aquela acção, por motivo da morte, o princípio vital extingue-se, como o calor, quando a roda deixa de girar. Mas o efeito produzido por esse princípio sobre o estado molecular do corpo subsiste, mesmo depois dele extinto, como a carbonização da matéria subsiste à extinção do calor.

A causa da morte dos seres orgânicos é o elemento dos órgãos. Morto o ser orgânico, os elementos que o compõem sofrem novas combinações, de que resultam novos seres, os quais haurem na fonte universal do princípio da vida e da actividade, absorvem-no e assimilam-no, para novamente o restituírem a essa fonte, quando deixarem de existir.

Os órgãos se impregnam, por assim dizer, desse fluido vital e esse fluido dá a todas as partes do organismo uma actividade que os põe em comunicação entre si, nos casos de certas lesões, e normaliza as funções momentaneamente perturbadas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital se torna impotente para lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre.

A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo quer nos indivíduos de uma espécie. Alguns acham-se, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros possuem-no em quantidades apenas suficientes. Daí, alguns terem uma vida mais activa, mais tenaz e, de certa forma, superabundante.

A quantidade de fluido vital esgota-se. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida se não for renovada, pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm.

O fluido vital transmite-se de um indivíduo para outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a quem o tenha a menos, e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se.

Associação de Divulgadores de Espiritismo de Portugal

Fonte: espiritualidade.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Grupo de Estudos Espírita Dr. Eduardo Monteiro
Educação Espírita Infantojuvenil
Programação – Agosto/2023
Sábados 14h às 15h

Tema Central: Família

Objetivo: Reconhecer o papel da família na constituição do sujeito, principalmente nos aspectos físico, cultural, emocional e espiritual.

- 05/08 - Planejamento Familiar
- 12/08 - Honrar Pai e Mãe
- 19/08 - Diferentes Matizes Familiar
- 26/08 - Conflitos Familiares



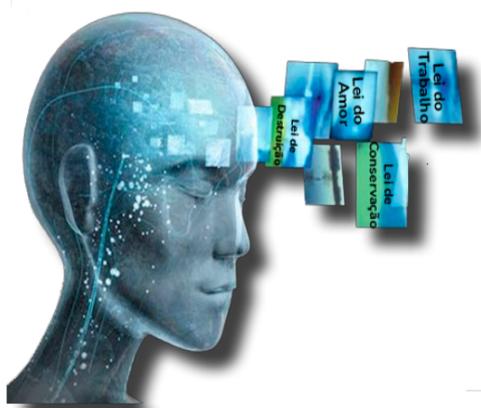
Grupo de Estudos Espírita Dr. Eduardo Monteiro
Educação Espírita Infantojuvenil
Programação – Setembro/2023
Sábados 14h às 15h

Tema Central: O Bem e o Mal Sofrer

Objetivo: Reconhecer a própria responsabilidade frente as adversidades da vida.

- 02/09 - Justiça Divina e Justiça Humana
- 09/09 - Escândalos
- 16/09 - Injúrias e Violências
- 23/09 - Paz e Fraternidade
- 30/09 - Afabilidade e a Doçura





Aprofundado os Conhecimentos nas Leis Naturais

O objetivo desta coluna é ressaltar a importância do estudo e conhecimento das leis naturais ou divinas. O tema é tão vasto e valioso que sempre se poderá falar dessas leis, inesgotáveis em sua fonte de ensinamentos.

Suas sublimes lições à vida do transeunte na jornada terrena são repletas de preciosas instruções, merecedoras de reflexão e esforço para vivência cotidiana.

Lei do Trabalho

Não haveria dia melhor que hoje, dia do trabalhador, para um artigo sobre a lei de trabalho. O trabalho como entendemos é apenas uma consequência direta de uma lei divina. A lei de trabalho para o espiritismo está intimamente ligada com a lei de progresso. Tais leis são base importante para a elevação moral do indivíduo enquanto sociedade e individualidade.

Segundo os espíritos:

674. A necessidade do trabalho é lei da Natureza?

“O trabalho é lei da Natureza, por isso mesmo que constitui uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque lhe aumenta as necessidades e os gozos.”

Dai entende-se que o homem criou primeiramente esta necessidade a fim de lhe aumentar os gozos, ou seja, as felicidades materiais. Mais a frente os espíritos respondem:

676. Por que o trabalho se impõe ao homem?

“Por ser uma consequência da sua natureza corpórea. É expiação e, ao mesmo tempo, meio de aperfeiçoamento da sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência. Por isso é que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Ao extremamente fraco de corpo outorgou Deus a inteligência, em compensação. Mas é sempre um trabalho.”

Com esta resposta entendemos que os espíritos nos mostram o trabalho com outra nuance especial: a de evolução, aperfeiçoamento moral e intelectual. Dito isto, pensando na lei de progresso entendemos a real importância do trabalho em nossa jornada evolutiva. Através do trabalho bem executado, dentro das nossas limitações e com máximo de respeito a-lheio estamos propagando a lei de trabalho divino.

Imagine Deus, que em toda sua perfeição, nunca há de ter ficado um segundo sequer no ócio. Sempre trabalhando em prol da humanidade universal e de sua criação, Deus estabelece para nós o exemplo maior de trabalho incessante e dos benefícios colhidos por este divino progresso.

Para a doutrina espírita o trabalho é apenas mais um meio de evolução que encontramos dentro das inúmeras ferramentas de aprendizado e aperfeiçoamento que a encarnação humana pode nos proporcionar. O trabalho sincero, dedicado e gratificante vem da alma, o trabalho em prol do próximo e da sociedade nos edifica como homens melhores.

Existem diversos tipos de trabalho, não somente o trabalho material. O trabalho no bem, o trabalho em se melhorar, todos esses são exemplos da lei de trabalho, que necessita de uma dedicação para fins de se chegar a um objetivo mais ou menos digno dependendo de como o homem veja o trabalho.

Desejar enriquecer-se do trabalho pode ser um problema pois dai temos muitos que odeiam seus trabalhos e apenas os suportam com fins materiais e mais fúteis. É necessário que se expanda o horizonte de objetivos acerca do labor e que se entenda que o trabalho, por menor que seja, é peça fundamental para a humanidade terrena alcançar a sua sublimação.

675. Por trabalho só se devem entender as ocupações materiais?

“Não; o Espírito trabalha, assim como o corpo. Toda ocupação útil é trabalho.”

Entendendo-se que o trabalho pode ser muito maior e muito mais do que realmente significa, cabe-nos o agradecimento pela oportunidade de trabalho que Deus nos outorgou nesta encarnação e a certeza de que ele é feito para o nosso aperfeiçoamento moral e intelectual. A lei divina é a lei do trabalho. Os espíritos superiores se mantêm em trabalho interrupto, não o trabalho como entendemos na terra mas o trabalho como se entendem as leis dividas: O amor em movimento em prol da criação e da evolução da grande família universal. Deus abençoe a nossa oportunidade de trabalho!

Fonte: espiritismodaalma.wordpress.com

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Obras Básicas em Foco

Para quem deseja compreender o Espiritismo, dando a saber do que se trata e internalizar os fundamentos do mestre Jesus, é preciso a leitura constante e atenta, além do estudo continuado das obras fundamentais da Doutrina Espírita.

Nesta coluna, o IDEM publica trechos de *O Livro dos Médiuns*, *O Céu e o Inferno*, *A Gênese*, *Obras Póstumas*, além de *O Que é o Espiritismo* dando continuidade do estudo das Obras Básicas apresentadas nas colunas "O Que Disse Kardec" e "Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo".

O Livro dos Médiuns *A Influência Moral do Médium nas Comunicações*

Por mais que nos dediquemos em estudar, para melhor compreensão da Mediunidade, ainda muito pouco sabemos a respeito desse maravilhoso dom com que a Soberana Sabedoria do universo nos contemplou para as mais altas e salutares tarefas de ordem Espiritual.

Porém, à medida que vamos sendo esclarecidos, sobre sua utilização de maneira proveitosa para o nosso crescimento como Espíritos Imortais que somos, melhor podemos percebê-la, senti-la e presenciar seus efeitos, para entender que achamo-nos ainda nas preliminares de suas questões tão complexas, não obstante a Mediunidade datar de todos os tempos, outorgada por Deus a todos os seus filhos.

Assim, pinçamos dentro de uma vasta literatura, sobre esse tão belo tema, algumas linhas que possam nos trazer um pouco mais de esclarecimento, no propósito maior de contribuir para que nos tornemos dignos tarefeiros da área mediúnica, buscando servir cada dia mais e melhor; tornando-nos instrumentos úteis na lavoura do Mestre de Nazaré, espalhando em nossa volta a claridade do amor em forma de caridade aos mais necessitados.

Começamos pelo Livro dos Médiuns, onde recolhemos os ensinamentos que seguem:

226. O desenvolvimento da mediunidade guarda relação com o desenvolvimento moral dos médiuns?

"Não; a faculdade propriamente dita se radica no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium."

Sempre se há dito que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor. Por que, então, não constitui privilégio dos homens de bem e por que se vêem pessoas indignas que a possuem no mais alto grau e que dela usam mal?

"Todas as faculdades são favores pelos quais deve a criatura render graças a Deus, pois que homens há privados delas. Poderias igualmente perguntar por que concede Deus vista magnífica a malfeitores, destreza a gatunos, eloquência aos que dela se servem para dizer coisas nocivas. O mesmo se dá com a mediunidade. Se há pessoas indignas que a possuem, é que disso precisam mais do que as outras, para se melhorarem. Pensas que Deus recusa meios de salvação aos culpados? Ao contrário, multiplica-os no caminho que eles percorrem; põe-nos nas mãos deles. Cabe-lhes aproveitá-los. Judas, o traidor, não fez milagres e não curou doentes, como apóstolo? Deus permitiu que ele tivesse esse dom, para mais odiosa tornar aos seus próprios olhos a traição que praticou."

Os médiuns, que fazem mau uso das suas faculdades, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, sofrerão as consequências dessa falta?

"Se delas fizerem mau uso, serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e o não aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso."

Visto que as qualidades morais do médium afastam os Espíritos imperfeitos, como é que um médium dotado de boas qualidades transmite respostas falsas, ou grosseiras?

"Conheces, porventura, todos os escaninhos da alma humana? Demais, pode a criatura ser leviana e frívola, sem que seja viciosa. Também isso se dá, porque, às vezes, ele necessita de uma lição, a fim de manter-se em guarda."

Por que permitem os Espíritos superiores que pessoas dotadas de grande poder, como médiuns, e que muito de bom poderiam fazer, sejam instrumentos do erro?

"Os Espíritos de que falas procuram influenciá-las; mas, quando essas pessoas consentem em ser arrastadas para mau caminho, eles as deixam ir. Daí o servirem-se delas com repugnância, visto que a verdade não pode ser interpretada pela mentira. "

Será absolutamente impossível se obtenham boas comunicações por um médium imperfeito?

"Um médium imperfeito pode algumas vezes obter boas coisas, porque, se dispõe de uma bela faculdade, não é raro que os bons Espíritos se sirvam dele, à falta de outro, em circunstâncias especiais; porém, isso só acontece momentaneamente, porquanto, desde que os Espíritos encontrem um que mais lhes convenha, dão preferência a este."

Qual o médium que se poderia qualificar de perfeito?

"Perfeito, ah! bem sabes que a perfeição não existe na Terra, sem o que não estaríeis nela. Dize, portanto, bom médium e já é muito, por isso que eles são raros. Médium perfeito seria aquele contra o qual os maus Espíritos jamais ousassem, uma tentativa de enganá-lo. O melhor é aquele que, simpatizando somente com os bons Espíritos, tem sido o menos enganado."

Se ele só com os bons Espíritos simpatiza, como permitem estes que seja enganado?

"Os bons Espíritos permitem, às vezes, que isso aconteça com os melhores médiuns, para lhes exercitar a ponderação e para lhes ensinar a discernir o verdadeiro do falso. Depois, por muito bom que seja, um médium jamais é tão perfeito, que não possa ser atacado por algum lado fraco. Isto lhe deve servir de lição. As falsas comunicações, que de tempos a tempos ele recebe, são avisos para que não se considere infalível e não se ensoberbeça. Porque, o médium que receba as coisas mais notáveis não tem que se gloriar disso, como não o tem o tocador de realejo que obtém belas árias movendo a manivela do seu instrumento."

Quais as condições necessárias para que a palavra dos Espíritos superiores nos chegue isenta de qualquer alteração?

"Querer o bem; repulsar o egoísmo e o orgulho. Ambas essas coisas são necessárias."

Uma vez que a palavra dos Espíritos superiores não nos chega pura, senão em condições difíceis de se encontrarem preenchidas, esse fato não constitui um obstáculo à propagação da verdade?

"Não, porque a luz sempre chega ao que a deseja receber. Todo aquele que queira esclarecer-se deve fugir às trevas e as trevas se encontram na impureza do coração.

"Os Espíritos, que considerais como personificações do bem, não atendem de boa-vontade ao apelo dos que trazem o coração manchado pelo orgulho, pela cupidez e pela falta de caridade.

"Expurguem-se, pois, os que desejam esclarecer-se, de toda a vaidade humana e humilhem a sua inteligência ante o infinito poder do Criador. Esta a melhor prova que poderão dar da sinceridade do desejo que os anima. É uma condição a que todos podem satisfazer."

227. Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles.

Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vêm agrupar os Espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar aos bons Espíritos evocados. As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria. ¹

¹Livro dos Médiuns Capítulo XX.

Acesse O Livro dos Médiuns completo aqui:

https://www.geedem.org.br/files/ugd/e8d4a7_4517386224fe412980f505ef832b647b.pdf

Fonte: correioespirita.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

“Quando um Espírito imundo tendo saído de um homem, anda por lugares secos buscando repouso, e como não acha, diz: Tornarei para minha casa donde saí. E quando vem, ele a encontra varrida e adornada. Vai então e toma consigo outros sete Espíritos, piores que ele, e entrando na casa habitam-na. E o último estado deste homem torna-se pior que o primeiro”.



O texto fala da realidade do processo obsessivo, mas insere reflexões relativas à obsessão.

Vejamos:

A obsessão, ou seja, a permanência de uma mente estranha na casa mental alheia é resultado de demorado e sutil convívio entre Espíritos afins em paixões inferiores, aversões que os imanta em conexão, nesse momento, irresistível, forte.

O fato da “casa varrida e adornada” remete a providências tomadas na terapia desalienante.

A “vítima” está desencorajada, em dúvidas quanto a hábitos novos a que se lhe propõem. No decorrer da ajuda que recebe, porém, tal padrão oscila; sente-se fortalecido; não mais percebe ideias diferentes; apenas fraqueza, insegurança.

Sentindo-se “curado”, volta aos descuidos antigos que o levaram a cair nas malhas do obsessor, explicando a afirmação de Jesus em Lucas quando diz que seu estado atual fica sendo pior que o anterior.

Desconhece que a fase anterior em que passou a não se sentir tão constrangido, faz parte de técnica para levar a crer que está liberado. Que este tempo de “paz” está existindo para surpreender, mais tarde quando os recursos de reação estejam fragilizados, desconectados com cuidados.

Na realidade houve falsa concessão de “cura”, um afrouxamento do cerco, permanecendo, porém, no aguardo do momento ideal para quando volta com tudo buscando triunfo de seus planos inferiores.

O conhecimento de técnicas chama atenção, para que, mesmo que realmente o obsessor tenha se afastado, desconectando obsessores, a “vítima” conservando raízes de hábitos inferiores, vez por outra engendrando imagens prejudiciais, cria, mesmo que por instantes, psicofera doentia que atrai “os outros sete”.

Daí a importância da reeducação mental na formação dos sentimentos, pensamentos e ações sadias, mantidas por ideais otimistas, leituras edificantes, oração, trabalhos renovados, enfim, criação de ações renovadas propiciadoras de clima mental em equilíbrio.

Tais fatores poderão afastar os infelizes perseguidores, mas somente quando o mundo íntimo do “perseguido” instalar em si as bases do reto cumprimento de deveres, legítimo amor no trabalho fraternal em favor do próximo, que em síntese é a favor de si mesmo, é que deixará de ser chamarisco.

Leda Marques Bighetti

Fonte: cebatuira.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

O Centro Espírita (Herculano Pires)

Nesta obra Herculano utiliza toda a sua experiência como dirigente espírita para transmitir ao leitor preciosas orientações sobre a organização do Centro Espírita, quais atividades devem ser desenvolvidas numa casa espírita e como devem ser conduzidas essas atividades.

Livro importantíssimo para quem reflete sobre os rumos do Espiritismo no Brasil, notadamente sobre as atitudes dos que querem emparelhá-lo com religiões decadentes e superadas.

O autor analisa, em linhas gerais, a função, significação e os serviços do Centro, a comunidade, as raízes africanas, Deus, as almas frágeis, a disciplina, os problemas religiosos, as curas, etc.

Introdução

Se os espíritas soubessem o que é o Centro Espírita, quais são realmente a sua função e a sua significação, o Espiritismo seria hoje o mais importante movimento cultural e espiritual da Terra. Temos no Brasil – e isso é um consenso universal – o maior, mais ativo e produtivo movimento espírita do planeta. A expansão do Espiritismo em nossa terra é incessante e prossegue em ritmo acelerado. Mas o que fazemos, em todo este vasto continente espírita, é um imenso esforço de igrejificar o Espiritismo, de emparelhá-lo com as religiões decadentes e ultrapassadas, formando por toda parte núcleos místicos e, portanto, fanáticos, desligados da realidade imediata.



Dizia o Dr. Souza Ribeiro, de Campinas, nos últimos tempos de sua vida de lutas espíritas: “Não compareço a reuniões de espíritas rezadores!” E tinha razão, porque nessas reuniões ele só encontrava turba dos pedintes, suplicando ao Céu ajuda.

Ninguém estava ali para aprender a Doutrina, para romper a malha de teia de aranha do igrejismo piedoso e choramingas. A domesticação católica e protestante criara em nossa gente uma mentalidade de rebanho. O Centro Espírita tornou-se uma espécie de sacristia leiga em que padres e madres ignorantes indicavam aos pedintes o caminho do Céu. A caridade esmoler, fácil e barata, substituiu as gordas e faustosas doações à Igreja. Deus barateara a entrada do Céu, e até mesmo os intelectuais que se aproximam do Espiritismo e que têm o senso crítico, se transformam em penitentes. Associações espíritas, promissoramente organizadas, logo se transformam em grupos de rezadores pedinches. O carimbo da igreja marcou fundo a nossa mentalidade em penúria. Mais do que subnutrição do povo, com seu cortejo trágico de endemias devastadoras, o igrejismo salvacionista depauperou a inteligência popular, com seu cortejo de carreirismo político-religioso, idolatria mediúnica, misticismo larvar, e o que é pior, aparecimento de uma classe dirigente de supostos missionários e mestres farisaicos, estufados de vaidade e arrogância. São os guardiães dos apriscos do templo, instruídos para rejeitar os animais sacrificiais impuros, exigindo dos beatos a compra de oferendas puras nos apriscos sacerdotais.

Essa tendência mística popular, carregada de superstições seculares, favorece a proliferação de pregadores santificados, padres vieiras sem estalo, tribunos de voz empostada e gesticulação ensaiada. Toda essa carga morta esmaga o nosso movimento doutrinário e abre as suas portas para a infestação do sincretismo religioso afro-brasileiro, em que os deuses ingênuos da selva africana e das nossas selvas superam e absorvem os antigos e cansados deuses cristãos. Não no clima para o desenvolvimento da Cultura Espírita.

As grandes instituições Espíritas Brasileiras e as Federações Estaduais investem-se por vontade própria de autoridade que não possuem nem podem possuir, marcadas que estão por desvios doutrinários graves, como no caso do roustainguismo da FEB e das pretensões retrógradas de grupelhos ignorantes de adulterados. Teve razões de sobra André Dumas, do Espiritismo Francês, em denunciar recentemente, em entrevista à revista Manchete, a situação católica e na verdade de anti-espírita do Movimento Espírita brasileiro. A domesticação clerical dos espíritas ameaça desfibrar todo o nosso povo, que por sua formação igrejeira tende a um tipo de alienação esquizofrênica que o Espiritismo sempre combateu, desde a proclamação de fé racional sempre no Kardec, contra a fé cega e incoerente, submissa e farisaica das pregações igrejeiras.

Jesus ensinou a orar e vigiar, recomendou o amor e a bondade, pregou a humanidade, mas jamais aconselhou a viver de orações e lamúrias, santidade fingida, disfarçada em vãs aparências de humildade, que são sempre desmentidas pelas ambições e a arrogância incontroláveis do homem terreno. Para restabelecemos a verdade espírita entre nós e reconduzirmos o nosso movimento a uma posição doutrinária digna e coerente, é preciso compreender que a Doutrina Espírita é um chamado viril à dignidade humana, à consciência do homem para deveres e compromissos no plano social e no plano espiritual, ambos conjugados em face das exigências da lei superior da Evolução Humana. Só nos aproximaremos da Angelitude, o plano superior da Espiritualidade, depois de nos havermos tornado Homens.

Os espíritas atuais, na sua maioria, tanto no Brasil como no mundo, não compreenderam ainda que estão num ponto intermediário da filogênese da divindade. Superando os reinos inferiores da Natureza, segundo o esquema poético de Léon Denis, na se-qüência divinamente fatal de Kardec: mineral, vegetal, animal e homem, temos o ponto neutro de gravidade entre duas esferas celestes, e esse ponto é o que chamamos ESPÍRITA. As visões fragmentárias da Realidade se fundem dialeticamente na concepção monista preparada pelo monoteísmo. Liberto, no ponto neutro, da poderosa reação da Terra, o espírita está em condições de se elevar ao plano angélico. Mas estar em condições é uma coisa, e dar esse passo para a divindade é outra coisa. Isso depende do grau de sua compreensão doutrinária e da sua vontade real e profunda, que afeta toda a sua estrutura individual. Por isso mesmo, surge então o perigo da estagnação no misticismo, plano ilusório da falsa divindade, que produz as almas viajoras de Plotino, que nada mais são do que os espíritos errantes de Kardec. Essas almas se projetam no plano da Angelitude, mas não conseguem permanecer nele, cedendo de novo a atração terrena da encarnação. Muitas vezes repetem a tentativa, permanecendo errantes entre as hipóstases do Céu e da Terra. Plotino viu essa realidade na intuição filosófica e na vidência platônica. Mas Kardec a verificou em sua pesquisas espíritas, escudadas na observação racional dos fatos. Apoiados na Razão, essa bússola do Real, ele nos livrava dos psicotrópicos do misticismo, oferecendo-nos a verdade exata da Doutrina Espírita. Nela temos a orientação precisa e segura dos planos ou hipóstases superiores, sem o perigo dos ciclos muitas vezes repetidos do chamado Círculo Vicioso das Reencarnações, que os ignorantes pretendem opor à realidade incontestável da reencarnação. Pois se existe esse círculo vicioso, é isso bastante para provar o processo reencarnatório. O vício não está no processo, mas na precipitação dos homens e dos espíritos não devidamente amadurecidos, que tentam forçar a Porta do Céu.

Se no Brasil sofremos os prejuízos dos religiosismo ingênuo de nossa formação cultural, na França e nos demais países europeus – segundo as próprias declarações de André Dumas – o prejuízo provém de um cientificismo pretensioso, que despreza a tradição francesa da pesquisa científica espírita, procurando substituí-la pelas pesquisas e interpretações parapsicológicas. Esse menosprezo pedante pelo trabalho modelar de Kardec levou o próprio Dumas a desprezar a tradição secular da *Revue Spirite*, transformando-a num simulacro da revista científica do Ano 2.000. As pesquisas da parapsicologia seguiram o esquema de Kardec e foram cobrindo no tempo, sucessivamente, todas as conquistas do sábio francês. Pegada por pegada, Rhine e seus companheiros cobriram o rastro científico de Kardec. O mesmo já acontecera com Richet na metapsíquica, com Crookes e Zollner e todos os demais.

Toda a pesquisa psíquica honesta é válida, nesse campo, até mesmo a dos materialistas russos atuais ficaram presas ao esquema de Kardec, o que prova a validade irrevogável desta. Começando pela observação dos fenômenos físicos, todas as Ciências Psíquicas, nascidas do Espiritismo, fizeram a trajetória fatal traçada pelo gênio de Kardec e chegaram às suas mesmas conclusões.

As discordâncias interpretativas foram sempre marcadas indelevelmente pelos preconceitos e as precipitações da advertência de Descartes no Discurso do Método e pela sujeição aos interesses das Igrejas, como Kardec já assinalara em seu tempo. A questão da terminologia é puramente supérflua e, como dissera Kardec, serve apenas para provar a leviandade do espírito humano, mesmo dos sábios, sempre mais apegado à forma que ao fundo do problema.

No Espiritismo o quadro fenomênico foi dividido por Kardec em duas seções: Fenômenos Físicos e Fenômenos Inteligentes. Na Metapsíquica, Richet apresentou o esquema de Metapsíquica objetiva e Metapsíquica subjetiva. Na Parapsicologia os fenômenos espíritas passaram a chamar-se Fenômeno Psi, com divisão de Psicapa (objetivos) e Psigama (subjetivos). Quanto aos métodos de pesquisa, Crookes e Richet ativeram-se à metodologia científica da época, e Rhine limitou-se a passar dos métodos qualitativos para os quantitativos, inventando aparelhagens apropriadas aos processos tecnológicos atuais, apelando à estatística como forma de controle e comprovação dos resultados, o que simplesmente corresponde às exigências atuais nas Ciências. Kardec teve a vantagem de haver acentuado enfaticamente a necessidade de adequação do método ao objeto específico da pesquisa. O próprio método hipnótico de regressão da memória, para as pesquisas da reencarnação aplicado por Albert DeRochas do século passado, foi aproveitado pelo Prof. Vladimir Raikov. Na Romênia, o preconceito quanto ao Espiritismo gerou uma nova denominação para Parapsicologia: Psicotrônica. Com esse nome rebarbativo, os materialistas romenos pretendem exorcizar os perigos de renascimento espírita em seu país.

Todos esses fatos nos mostram que a Doutrina Espírita não chegou ainda a ser conhecida pelos seus próprios adeptos em todo o mundo. Integrado no processo doutrinário de trabalho e desenvolvimento, o Centro Espírita carecia até agora de um estudo sobre as suas origens, o seu sentido e a sua significação no pano-rama cultural do nosso tempo. É o que procuramos fazer neste volume, com as nossas deficiências, mas na esperança de que outros estudiosos procurem completar o nosso esforço. Lembrando o Apóstolo Paulo, podemos dizer que os espíritas estão no momento exato em que precisam desmamar das cabras celestes para se alimentarem de alimentos sólidos. Os que desejam atualizar a Doutrina, devem antes cuidar de se atualizarem nela.

Fonte: Livro: *O Centro Espírita* - José Herculano Pires

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Mediunidade Sem Estudo: Consequência do Tempo Inaplicado

Inspirado no vídeo “Mentor de TikTok” (Assista aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=FZUqP9jGgfw>), – que é uma bem-humorada sátira, produzida pelo Grupo Amigos da Luz e tem em destaque o trabalho dos mentores espirituais – o presente artigo se apresenta como uma proposta reflexiva, daquela sátira, e nos leva a pensar nos “mentores” de improviso. Realmente, uma sátira na acepção da palavra, porque “faz rir!”, mas não é ao riso que o bom senso nos lança, e sim ao estado da arte em que a arte, em si, é só um meio para se alcançar o principal: o fundo moral. O fundo moral de uma apresentação em que o riso passa e só quando ele passa é que se reflexiona sobre as consequências ético-moral, que transcendem ao humor. E é justamente quando a isto nos propomos que o fundo moral nos remete, por exemplo, ao grande filósofo Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) e nos faz pensar se “a arte imita a vida” ou como dizia o escritor e dramaturgo irlandês, Oscar Wilde (1854-1900) “a vida imita a arte, mais do que a arte imita a vida”. Muito mais do que mera elucubração filosófica, em *Mentor de Tik-Tok*, espera-se que indo, além do que faz rir, no bem criativo vídeo, enxergue-se a grande verdade das muitas ilusões que ainda alimentam os corações adormecidos nas fantasias. Vivemos num mundo intenso e cheio de grandes transformações, onde a realidade da vida, nem sempre traz o colorido dos espetáculos, em que em meros instantes, “sapos viram príncipes” e “sapatinhos fazem princesas”. Tudo tem que ser rápido e o tempo perdeu valor. Nada que dure mais do que 2 ou 3 minutos ou que tenha mais de meia folha prende a nossa atenção. E é assim que, no relógio da vida, passam bem mais do que horas, dias e anos. Passam experiências! E passam celeremente, sem que, muitas vezes, nos apercebamos da sua importância e de que, na instância do Espírito imortal, a verdadeira felicidade se constrói a partir da qualidade no que fazemos e não do quanto fazemos. Por vezes, tardiamente, constatamos que, nas bases do conhecimento espírita sobre a mediunidade, quando falta o estudo suficiente e na qualidade desejável, invariavelmente, fragilizam-se as convicções e abrem-se alas para os mentores de improviso.



Não mais que dez minutos e não mais que três páginas... é tudo que necessitamos para analisar o fundo moral que se levanta do vídeo “Mentor TikTok”, em face do que nos aconselha o Espírito São Luís, em mensagem por ele subscrita em O Livro dos Médiuns: “*Por mais legítima confiança que vos inspirem os Espíritos dirigentes de vossos trabalhos, há uma recomendação que nunca seria demais repetir [...] a de pesar e analisar, submetendo ao controle da razão todas as comunicações que receberdes...*” ⁽¹⁾

Diga-se de antemão que o uso do humor na exposição espírita pode parecer como misturar o “divino” com o profano, mas não nos parece bem assim. Cada vez mais, determinadas características que emergem nas relações sociais convidam-nos ao aproveitamento de novos modelos de comunicação.

São novas dinâmicas que o tempo cuida de trazer para relação ensino-aprendizagem e que, neste caso, não só se inserem na característica progressista do Doutrina Espírita como nas instruções recebidas por Allan Kardec, quando ele idealizava a implementação da Revista Espírita:

“deves cuidar de [...] reunir o sério ao agradável: o sério para atrair os homens de Ciência; o agradável para deleitar o vulgo”

⁽²⁾ Instruções que – como assinala Nestor João Masotti, então Presidente da Federação Espírita Brasileira – foram escrupulosamente observadas pelo Codificador.

“*Mentor TikTok...*” assim o denominou o autor desse vídeo, bem criativo, e que cumpre o seu papel, pois, realmente, faz rir; mas espera-se que, à margem do seu aspecto cômico, consigamos transcender as aparências e enxergar a grande verdade que se levanta, através daquela construção artística, quando aplicamos seu fundo moral no campo do exercício da mediunidade, na ciência Espírita, também chamada de Espiritismo Experimental.

Aqui – a título de uma provocação reflexiva – valemo-nos do recurso da analogia para dizer que o Tik-Tok da denominação, bem poderia ser o Tic-Tac do relógio. O tic-tac do “relógio da vida” em que nossos mentores – os verdadeiros mentores – realmente, muitas vezes, aguardam, com amorosa e operante paciência, o despertar de nossa consciência.

Um “relógio da vida” que nem adianta e nem atrasa. Um relógio em que a ação intercessora de nossos benfeitores espirituais nem se faz precipitada e nem atrasada. Um “relógio” em que a vida passa, celeremente, sem muitas vezes nos apercebemos da importância do tempo. O tempo transcorrido e as oportunidades perdidas, nas fantasias e nas ilusões da vida.

“Não vi o dia passar”... “Não vi a semana passar”... “Não vi os meses”, os anos” – Quantas vezes dissemos isso ou ouvimos de alguém?

Uma frase usual para dizermos que, na verdade, em meio a tantas demandas e experiências não vimos o tempo, porque situamo-nos num momento sociocultural caracterizado por incontáveis inovações, e pressionamentos delas decorrentes.

Tudo é novo, ou adaptado para parecer novo!

Novos tempos, novas palavras, novas expressões, novos comportamentos e, principalmente, novas expectativas. E uma Nova Era é o anseio de muitos.

Infelizmente, muitos vivem mais de expectativas do que da realidade.

Por certo que aqui nesta reflexão não é o trabalho dos mentores que mais nos importa, nem se podemos resistir à reencarnação, como artisticamente colocado pelo autor. O que realçamos é o fundo moral que desborda da comicidade desse vídeo-post.

E nesse viés parece-nos que, talvez, por decorrência de uma equivocada interpretação do significado do tempo e dos objetivos de tantas inovações, passamos a acreditar num mundo em que a realidade objetiva (do homem) nubla as necessidades subjetivas (Espírito). E é aí que o ter, parece mais importante do que o ser.

Um mundo em que, cada vez mais, o que o importa para a, transitória, jornada reencarnatória, é o “fazer mais em menos” tempo. É como se tudo resumisse (mesmo para os espiritualistas) ao que fazemos entre o nascer e o morrer.

E sob essa premissa vemo-nos sob uma certa “coação” social que nos leva a simplificar tudo – mesmo o que não convém – e, por consequência, nada que dure mais do que 2 ou 3 minutos ou que tenha mais de meia folha prende a nossa atenção.

Cada vez mais o importante é o quanto nós conseguimos fazer no menor tempo possível.

Mas, cremos na propriedade de aproveitarmos esse instante da sua atenção para lembrarmos o princípio básico de que, quando falamos de Ciência, esta se regula, em especial, pelo fator qualidade e segurança, o que, comumente, demanda tempo: para se dedicar à aquisição do conhecimento (estudo), para aplicar o conhecimento, para analisar as experiências, para desenvolver as ideias e, principalmente, para aperfeiçoar as ações (ou o produto das ações).

E na ciência Espírita não é diferente!

A qualidade do estudo e a segurança do conhecimento são produtos dos reiterados esforços para destruir as ilusões e levantar a Verdade.

Allan Kardec dizia que o Espiritismo é ao mesmo tempo uma **“ciência de observação e uma doutrina filosófica”**⁽³⁾, que tem o estudo regular e contínuo como princípio elementar para solidez da cultura espírita. E sendo assim, a pressa na construção do conhecimento espírita, cedo ou tarde, demonstra que, nos momentos dos grandes testemunhos da Fé raciocinada (como os que se apresentam nas mortes coletivas decorrentes das grandes catástrofes, das guerras e das pandemias), nem todos se revelam suficientemente seguros e fortalecidos – mesmo dentre os adeptos do Espiritismo.

Mas poderíamos nos perguntar: Onde vamos encontrar a raiz desse problema?

E responderemos: Nas bases!

Nas bases onde deveríamos ter aprendido a importância do tempo e o aproveitamento do tempo, que, na instância do Espírito Imortal, constrói a sua felicidade, muito mais pela qualidade no que faz, do que pelo quanto faz. E como dizia Léon Denis:

“as mais altas verdades às vezes se desnaturam e obscurecem... [e] conforme o lugar onde cai continua sendo pérola ou se transforma em lodo”. ^[4]

Em verdade, quando nas bases falta o **estudo** suficiente e na **qualidade** desejável, invariavelmente, ocorre uma falsa percepção de “suficiência do conhecimento” que se tem. É assim que surge uma falsa percepção de segurança na aplicação do conhecimento Espírita, e como resultado uma fragilização das convicções que, em alguns casos, alcança a própria Fé. E quando tal se dá, não raro, não se resiste diante da intensidade de certas provas e expiações.

Triste nos é reconhecer que, em grande parte, essa fragilização decorre, simplesmente, do fato de que muitos dos “mais velhos” se dizem **cansados**; muitos dos de “idade mediana” se revelam **desmotivados** e muitos dos “mais jovens” se dizem **sem tempo** – para se dedicar ao Estudo Espírita.

Mas, se não encontramos tempo para nos dedicarmos aos estudos [que iluminam nossa consciência], menos ainda encontraremos para nos dedicarmos à reforma íntima e à reforma moral.

E neste cenário, meus amigos, perguntaremos: Como passaremos pelos tempos difíceis das amargas provações e das grandes transformações na humanidade?

Talvez, seja tempo de parar e pensar se estamos dentre os que passam os dias se deliciando com o que diverte [e faz rir], como fuga da realidade, ou como os que choram, mas encaram a realidade e têm a coragem de reconhecer as grandes necessidades espirituais, que ainda adormecem em nosso ser.

E neste cenário, meus amigos, perguntaremos: Como passaremos pelos tempos difíceis das amargas provações e das grandes transformações na humanidade?

Talvez, seja tempo de parar e pensar se estamos dentre os que passam os dias se deliciando com o que diverte [e faz rir], como fuga da realidade, ou como os que choram, mas encaram a realidade e têm a coragem de reconhecer as grandes necessidades espirituais, que ainda adormecem em nosso ser.

Uma coisa nos parece fato: cansados, desmotivados e sem tempo (para o Espírito), não há cenário promissor de felicidade no futuro próximo!

Cremos que o futuro de glórias ou de tempestades só depende das nossas escolhas. As escolhas de quem, ainda, apenas quer rir, “abraçado” com as fantasias, ou aceita chorar, “abraçado” com a Verdade!

Cremos, ainda, na máxima propriedade do que nos assevera o apóstolo João ao nos recomendar em seu Evangelho: **“buscai a verdade e a verdade vos libertará”** ^[5]. Por certo que, em muitos casos, a verdade não faz rir, faz chorar; mas é exatamente disso que se levanta uma das mais esperançosas promessas de Jesus quando diz: **“Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”**. ^[6]

Portanto, Tik-tok, para sátira... ou tic-tac, para o “relógio da vida”..., realmente, o tempo está passando, e passa celeremente na trajetória evolutiva! E uma coisa é fato – e fato demonstrado diuturnamente nos depoimentos que os Espíritos nos trazem nas reuniões mediúnicas: o Espiritismo Experimental, sem estudo sério, faz-nos crer em mentores de improviso, tanto quanto num mundo irreal, em que as fantasias fazem rir e a realidade faz chorar.

Os espetáculos da vida transitória admitem improvisos... mas o exercício da mediunidade, jamais!

E assim concluindo, ainda ficamos com a sabedoria do grande filósofo Aristóteles para dizer que **“a arte (imperfeitamente) imita a vida (do Espírito)”**... onde por traz de muitos risos, por vezes, escondem-se **amargas verdades**. E no exercício da mediunidade, no seu viés espírita, **a mais amarga das verdades** nos remete às **consequências das experiências mediúnicas sem o conhecimento necessário**.

Amargas consequências!

“Muitíssimos espíritas e médiuns, em consequência da falta de método e de elevação moral, se tornam instrumentos das forças inconscientes ou dos maus Espíritos” ^[7] – diz Léon Denis, absolutamente alinhado com a sábia advertência de Allan Kardec: **“as experiências feitas com leviandade e sem conhecimento de causa (entenda-se sem estudo sério e suficiente) provocam péssima impressão nos principiantes ou nas pessoas mal preparadas (...) [daí] A ignorância e a leviandade de certos médiuns têm causado enormes prejuízos na opinião de muita gente”**. ^[8]

E é assim que surgem as aberrações (nas práticas Espíritas) que, invariavelmente, trazem a chancela dos mentores de improviso e dos médiuns de ocasião, que derrubam os mais nobres projetos espirituais na Terra. Mentores de improviso que pululam no mundo espiritual à espreita de oportunidades, junto à mediunidade sem estudo. E sempre sobrarão mentores de improviso toda vez que subestimarmos a segura recomendação doutrinária dos Espíritos Superiores, que tanta ênfase lhe reservou Allan Kardec:

“Por mais legítima confiança que vos inspirem os Espíritos dirigentes de vossos trabalhos, há uma recomendação que nunca seria demais repetir [...] a de pesar e analisar, submetendo ao controle da razão todas as comunicações que receberdes...” ^[9]

Portanto:

Não existem Mentores de improviso e **Mediunidade sem Estudo**, sem análise, sem o controle da razão e alimentada na cega credulidade: **é uma tragédia anunciada... é tempo desperdiçado** em que “as fantasias (da vida presente) fazem rir e a realidade (da vida pós-morte) faz chorar”.

Edson Roberto do Amaral

Bibliografia:

- 01 KARDEC, Allan; PIRES, Jose Herculano [trad.]. *O Livro dos Médiuns [Identidade dos Espíritos – n. 266]*. 6. ed. São Paulo: FEESP, 2002. p. 301.
- 02 KARDEC, Allan. *Revista Espírita: Jornal de estudos psicológicos – Ano primeiro – 1858. Apresentação da FEB*. 3 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004. p. ____.
- 03 KARDEC, Allan. *O Que é o Espiritismo. Preâmbulo*. 75ª ed. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 2009. p. 10.
- 04 DENIS, Léon; CIRNE, Leopoldo [tradutor]. *No Invisível – Espiritismo e Mediunidade*. 16. ed. Brasília: FEB, 1995. p. 9 e 10.
- 05 DIAS, Haroldo Dutra (Trad.). *O Novo Testamento/tradução de Haroldo Dutra Dias. [João 8:32]* 1. ed. Brasília: FEB, 2016. p. 423
- 05 P. Russell; ALMEIDA, João Ferreira de [tradutor]. *Bíblia Shedd [Mateus 5:4]*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997. p. 1333.
- 07 DENIS, Léon; CIRNE, Leopoldo [tradutor]. *No Invisível – Espiritismo e Mediunidade*. 16. ed. Brasília: FEB, 1995. p. 11.
- 08 KARDEC, Allan; PIRES, José Herculano. *O Livro dos Médiuns. Introdução*. 6. ed. São Paulo: FEESP, 2002. p. 10.
- 09 KARDEC, Allan; PIRES, Jose Herculano [trad.]. *O Livro dos Médiuns [Identidade dos Espíritos – n. 266]*. 6. ed. São Paulo: FEESP, 2002. p. 301.

Fonte: ccdpe.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Conflitos Doutrinários

Kardec disse: **“As questões de fundo devem passar à frente das questões de forma.”**

É imprescindível o direito de exame e de crítica e o Espiritismo não aumenta a pretensão de subtrair-se ao exame e à crítica, como não tem a de satisfazer a toda gente. Cada um é, pois, livre de o aprovar ou rejeitar; mas para isso, necessário se faz discuti-lo com conhecimento de causa (Allan Kardec. “Obras Póstumas”, 1ª Parte. Ligeira Resposta aos Detratores do Espiritismo).

Não são poucos os conflitos envolvendo o problema das interpretações sobre aspectos doutrinários. Sabemos que o Espiritismo não foi ditado completo, nem imposto à crença cega. Cabe ao ser humano a observação dos fatos, o trabalho de estudar, comentar e comparar a fim de tirar suas próprias ilações e aplicações. No entanto, um dos primeiros problemas que se apresenta é o das interpretações dos textos da Codificação. Mas o que é interpretar?

A rigor, podemos definir dois sentidos para o ato de interpretar um texto: a) a interpretação como desvelamento do seu sentido original; e, b) a interpretação como construção de significados pessoais.

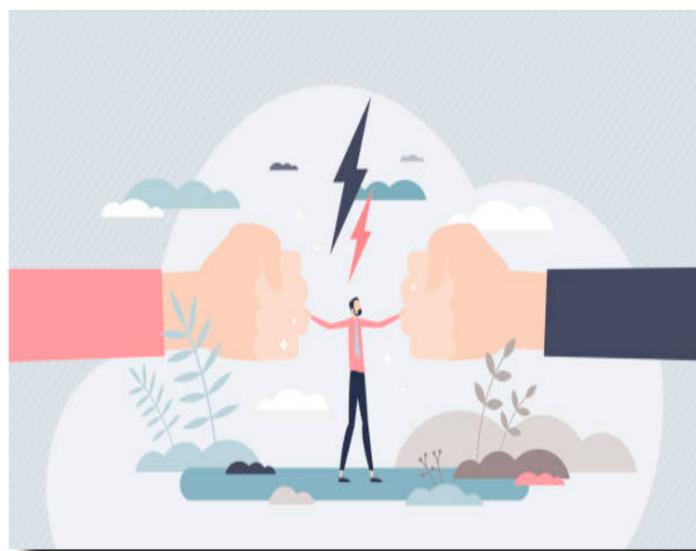
O primeiro consiste na ideia de que interpretar é buscar o sentido atribuído ao texto pelo próprio autor. Desta forma, a boa interpretação seria aquela que busca descobrir o que o autor (ou autores, no caso dos Espíritos) queria dizer quando escreveu sobre determinado assunto. É o esforço em buscar o seu sentido original.

No segundo caso, busca-se admitir que quem dá o significado para o texto é quem o lê, e não quem o escreveu. Nesse caso, toda interpretação termina sendo um processo essencialmente subjetivo, muito vinculado ao que os gregos chamavam de “doxologia”, ou seja, a livre opinião. E toda interpretação, em tese, poderia ser aceita.

Entretanto, ao estudarmos os livros da Doutrina Espírita, será que toda e qualquer interpretação será válida? Allan Kardec, em “O Livro dos Médiuns”, quando trata dos Sistemas, analisando os fenômenos mediúnicos que originaram o Espiritismo, assim se pronunciou: “Quando foram averiguados por testemunhos irrecusáveis e através de experiências que todos puderam fazer, aconteceu que cada qual os interpretou a seu modo, de acordo com suas ideias pessoais, suas crenças e seus preconceitos. Daí, o aparecimento dos numerosos sistemas que uma observação mais atenta deveria reduzir ao seu justo valor” (Cap. 4, item 36).

Quando cada um interpreta do seu modo, como observou Kardec, abrem-se brechas para as ideias pessoais prevalecerem sobre o conteúdo original das obras. Isso representa sempre uma temeridade, pois abre espaço para que os interesses individuais se destaquem. Surgem então erros de interpretação, ideias que agregam ao Espiritismo elementos de outras doutrinas espiritualistas, descaracterizando o seu ensino e sua prática.

Já em sua época, Kardec se preocupava com o que seria publicado em temas de Espiritismo. Mais ainda, quando se tratava de livros mediúnicos. Os critérios utilizados por ele, para analisar esses textos, eram bastante rígidos. Não é demais lembrarmos que aceitar tudo o que venha dos espíritos, ou de qualquer outra fonte, sem o devido exame e cautela, é enveredar por um caminho perigoso e cheio de armadilhas.



Analisando as chamadas comunicações apócrifas, o Codificador assim se expressou: *“De fato, a facilidade com que algumas pessoas aceitam tudo o que vem do mundo invisível, sob o pálio de um grande nome, é que anima os Espíritos embusteiros. A lhes frustrar os embustes é que todos devem consagrar a máxima atenção; mas, a tanto ninguém pode chegar, senão com a ajuda da experiência adquirida por meio de um estudo sério. Daí o repetirmos incessantemente: Estudai, antes de praticardes, porquanto é esse o único meio de não adquirirdes experiência à vossa própria custa”* (Allan Kardec. “O Livro dos Médiuns”. Cap. 31, Comunicações apócrifas, XXXIII).

Kardec enfatiza o estudo como forma de discernimento do que o Espiritismo aceita e daquilo que ele se distancia. Assim, o conhecimento das Obras Fundamentais, nunca será demais salientar, representa base segura para o entendimento da Doutrina. Todavia, mesmo assim é necessário ter cautela com as interpretações, muitas vezes apressadas, que se faz também sobre elas.

Flagrante a imperiosa necessidade de administrarmos conflitos e divergências com moderação e fraternidade. Na defesa de determinada tese, deverá se destacar a dialética das ideias, dos argumentos e dos fundamentos. Muitos conflitos se prolongam em torno de assuntos vazios e estéreis, simplesmente, para destacar o ego dos debatedores.

Allan Kardec teve a grandeza intelectual de jamais “fechar” o pensamento espírita em torno de uma “verdade única” e dogmática. O caráter intrínseco do discurso filosófico é a liberdade de pensamento, aberto à reflexão e ao progresso das ideias. Todavia, o Espiritismo não traduz uma simples reflexão intelectual para criar sentidos ou significados, ao contrário, é um saber que se justifica com base nos fatos. Ao analisar o conjunto de sua obra, veremos que Kardec não partiu da “crença”, mas da sólida pesquisa científica, no campo da mediunidade, para, num segundo momento, enveredar pelos caminhos da interpretação dos fatos, com base no crivo da razão.

Um estudo atento de “O livro dos Espíritos” evidencia a busca constante de Kardec, por explicações plausíveis, que possam atender à coerência e ao bom senso. Ele interroga os espíritos com firmeza, cercado de boa argumentação, mas – ao mesmo tempo – buscando libertar-se de preconceitos e atavismos culturais de sua época.

Há, naturalmente, uma “busca incessante” de conhecimentos e reflexões, iniciadas em “O livro dos Espíritos” e que, evidentemente, não para com ele, nem mesmo o esgota em todo o seu potencial doutrinário. Isso oferece, ao conjunto das Obras Fundamentais, um dinamismo inesgotável, uma vez que a experiência da evolução espiritual vai oportunizando ao ser humano uma ampliação de seus horizontes intelectuais.

Interpretar não significa modificar os fundamentos da Doutrina Espírita. Na verdade, a interpretação é um esforço da inteligência por “encontrar um sentido escondido”, que não está, necessariamente, claro. Ora, em nossa condição de espíritos em evolução, não podemos depreender que já esteja tudo resolvido, em termos de entendimento sobre a vida e seus mecanismos. Logo, a capacidade de interpretação é inerente ao ser humano. Deveremos usá-la de forma responsável, coerente e compromissada, em primeiro lugar, com a própria Doutrina.

Essa relação dialética se processa também, no diálogo crítico do leitor com a obra. Mas é preciso que esse diálogo se distancie das leituras simplistas, onde, muitas vezes, se busca afirmar o conteúdo doutrinário através de posturas acrílicas, influenciadas pela teologia tradicional. Através de sua metodologia, Kardec nos ensinou a dialogar com a fonte das informações sem, no entanto, perder o viés dos sentimentos. A racionalidade empregada aos estudos deve servir para que os seus conteúdos nos levem a um encantamento pela vida.

O dever dos verdadeiros espíritas, dos que compreendem o fim providencial da Doutrina é, antes de tudo, fazer prevalecer pelo exemplo o sentimento de fraternidade que é uma das bases de seus ensinamentos. Nas discussões doutrinárias quando se perde esse norte, não é de se admirar predominarem as paixões e o orgulho. Surgem práticas, daí decorrentes, que se distanciam dos postulados kardecianos, provocando inúmeros dilemas no Movimento Espírita.

O próprio Kardec advertiu o Movimento Espírita sobre as questões de “fundo” e as questões de “forma”: “As questões de fundo devem passar à frente das questões de forma. Ora, as questões de fundo são as que têm por objetivo tornar melhores os homens, considerando-se que todo progresso social ou outro não pode ser senão consequência do melhoramento das massas; é para isso que tende o Espiritismo e por aí prepara os caminhos a todos os gêneros de progressos morais. Querer agir de outra forma é começar o edifício pela cumeeira, ante de lhe assentar os alicerces; é semear em terreno que não foi arroteado” (Allan Kardec. “Revista Espírita”, Março de 1863. Sobre a decisão tomada pela Sociedade Espírita de Paris a respeito da questão religiosa).

Por isso, no mesmo texto da “Revista Espírita”, de março de 1863, desaprovava toda e qualquer publicação própria a falsear a opinião sobre o fim e as tendências do Espiritismo. Os conhecimentos bem alicerçados são aqueles que se mantêm ao longo do tempo. As questões de forma passam, as de fundo permanecem. É relevante não se abandonar a simplicidade e a profundidade do horizonte doutrinário, consubstanciado nas Obras Fundamentais.

Diante dos conflitos doutrinários, no entanto, jamais abdicar de uma postura de respeito com aqueles que pensam diferentemente. Torna-se imperativo que essas divergências se mantenham no plano das ideias, jamais transitando para o campo pessoal. O espaço dos argumentos é um espaço privilegiado para o embate do pensamento, podendo se tornar rico no aprofundamento das ideias.

Quando os argumentos já não mais se ajustarem, quando nenhum acordo sob os aspectos divergentes for passível de manutenção, o diálogo e o bom senso não mais vigorar, então é comum que ocorra um afastamento, posto que cada um possui liberdade de agir e pensar. Aqueles que seguirem por outra direção, afastando-se do contexto doutrinário do Espiritismo, quer assumidamente ou não, devem ser respeitados em suas deliberações pessoais.

Muitos desejam, ingênua ou orgulhosamente, reformular o Espiritismo, esquecendo-se que sua fonte não é uma concepção pessoal, nem o resultado de um sistema preconcebido. É, como disse Kardec, resultante de milhares de observações feitas sobre todos os pontos do planeta e que convergiram para um centro que os coligiu e coordenou. Todos os seus princípios constitutivos, sem exceção, são deduzidos da experimentação, que precedeu à formulação da teoria.

O estudo das obras de Kardec, contudo, representa a construção do alicerce fundamental para o efetivo conhecimento espírita. A maior parte dos conflitos doutrinários deve-se ao frágil conhecimento sobre esses textos. Logo, os melhores resultados como aludiu Kardec, em sua “Viagem Espírita de 1862”, poderão ser atingidos com os investimentos nos grupos de estudos.

Finalizamos com Kardec: *“Há algum tempo constituíram-se alguns grupos, de especial caráter, e cuja multiplicação entusiasticamente desejamos encorajar. São os denominados grupos de ensino. Neles ocupam-se pouco ou nada das manifestações. Toda a atenção se volta para a leitura e explicação de ‘O livro dos Espíritos’, ‘O livro dos Médiuns’, e de artigos da ‘Revista Espírita’. (...) Aplaudimos de todo o coração essa iniciativa que, esperamos, terá imitadores e não poderá, em se desenvolvendo, deixar de produzir os melhores resultados”* (Allan Kardec – “Viagem Espírita de 1862”).

Fonte: Revista Harmonia - Ed. Setembro/2022

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

As Janelas da Alma só Abrem pelo Lado de Dentro

Como agimos perante a nós mesmos?

Somos seres em transformação. A vida é uma descoberta de potencialidades e uma permanente construção de nós mesmos. Algumas vezes, partindo de decisões melhores, atingimos o bem-estar e uma condição satisfatória para nosso viver. Decisões menos felizes, em geral, acabam trazendo arrependimentos e dores. .



Mas isso não é necessariamente ruim. Olhar para nossos arrependimentos serve para perceber que nos transformamos. Olhar para nossas dores nos mostra que ainda somos frágeis. Aceitá-las, no entanto, ajuda-nos a nos sentirmos fortes e capazes de enfrentá-las. .

Uma das leis divinas que nos regem a existência é a Lei de Liberdade. A vida é uma professora que nos permite agir, usar nossa curiosidade e impulsos, experimentar para, e somente então, mostrar seu ensinamento. Não pratica a coação e as proibições, só conduz ao nosso encontro com as consequências naturais, para avaliarmos e calibrarmos nossas futuras ações conforme os ideais de justiça, amor e caridade, que pautam um viver mais elevado. .

A vida como professora, porém, não é passiva, pois tem mecanismos para nos despertar: a dor e o arrependimento. Ela nos sinaliza, nos aponta direções, pode inspirar pensamentos, palavras e atos. .

O que ela não pode fazer é agir por nós... Porque nossa alma é nosso domínio, é nossa morada, onde ninguém pode chegar sem pedir licença. Então a vida nos chama, bate à janela oferecendo luminosidade e entendimento. Às vezes, com insistência. Às vezes, com muita força. Fazendo “um barulhão”, até, se nosso sono consciencial estiver muito pesado, apontando uma necessidade, uma ideia equivocada, um reflexo indesejável do que pensamos, dissemos ou fizemos, necessitado de premente revisão...

Diante do chamado da vida à responsabilidade, podemos agir como nosso melhor amigo: ouvindo-nos com benevolência, compreendendo, perdendo a nós mesmos, incentivando aos passos necessários para a melhoria. Mas noutras vezes, sem a devida clareza, agimos como nossos próprios julgadores implacáveis, tentando nos eximir da responsabilidade, enquanto nos acusamos, criando batalhas mentais que drenam nossas energias e nos mantêm na escuridão. .

Sim, é isso o que acontece. E a frase de Jung nos indica a melhor escolha: “Não conseguimos mudar coisa alguma sem antes aceitá-la. A condenação não libera, oprime.” .

A janela da alma só se abre pelo lado de dentro. É preciso querer a luz do entendimento, para que ela venha nos ampliar as condições de lidar com o dia-a-dia, aceitando nosso passado para criar nosso porvir. .

Encaremos os fatos: temos uma faixa de atitudes possíveis, entre as que revelam nossa mais alta evolução presente e aquelas que desnudam nossa fragilidade. Quando um amigo em dificuldade nos procura, podemos ouvir com nosso melhor, com a compaixão. Quando um amigo em dificuldade nos procura, podemos ouvir com nosso melhor, com a compaixão. Ou com aquela tendência, ainda presente em nós, de julgar e condenar. A questão é: como agiremos perante a nós mesmos? .

Na caminhada, é preciso acreditar que somos seres com ilimitada potencialidade. Aprender a olhar para nós mesmos com humildade e compaixão, admitindo a vulnerabilidade e os passos equivocados, encontrando a coragem para criar dias melhores em nossas vidas.

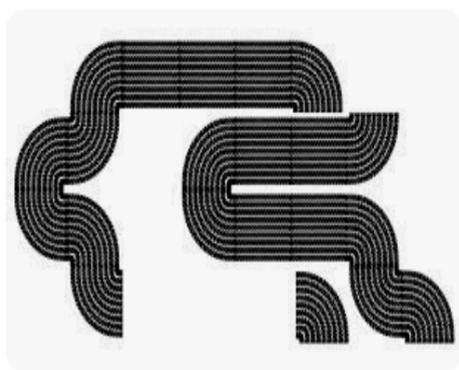
Fonte: espirito.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Fora da Caixa

O Que Acontece Por Aí



35ª Bienal de São Paulo

Está chegando a 35ª Bienal de São Paulo. O evento que acontece de setembro a dezembro de 2023 e com o tema coreografias do impossível, traz práticas artísticas de diferentes partes do mundo.

“A Bienal deseja construir espaços e tempos de percepção que desafiam a rigidez da linearidade do tempo ocidental. O que vemos nesse horizonte coreográfico são estratégias e políticas do movimento que essas práticas vêm criando para imaginar mundos que confrontam as ideias de liberdade, justiça e igualdade como realizações impossíveis”, afirmam Diane Lima, Grada Kilomba, Hélio Menezes e Manuel Borja-Villel, que formam o coletivo curatorial da mostra.

Todas as informações aqui: <https://35.bienal.org.br/>



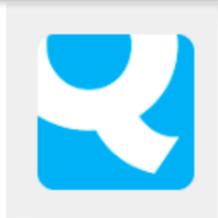
Exposição 'Os Mundos de Leonardo da Vinci' chegou a São Paulo

Esta é a chance de conhecer a mais importante figura do Renascimento, através de uma experiência única e interativa. Se você quer ser um dos primeiros a visitar, garanta o seu lugar o quanto antes.

Utilizando desde a Inteligência Artificial, robótica até projeções em alta definição, a mostra traz a genialidade do artista para a tecnologia dos dias de hoje. Desta forma, o público vai visitar o universo do artista e as cidades onde suas grandes ideias nasceram.

Saiba mais aqui:

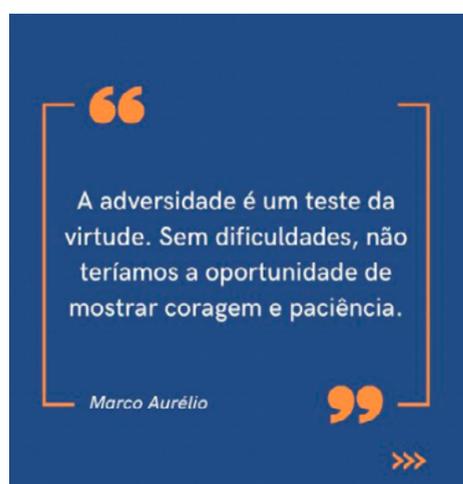
https://osmundosdeleonardodavinci.com/sao-paulo/?utm_source=google&utm_medium=sc&utm_campaign=130407_gru



Se vc gosta de música clássica, baixe o app da rádio WQXR, de Nova Iorque. Transmissões de música ao vivo hospedadas e com curadoria ao vivo de Nova York.

Um portal para descobrir os maiores compositores e intérpretes do mundo.

Baixe aqui: <https://www.wqxr.org/mobile-app/>



Dica de Livro: 30 histórias para dormir que fortalecem os laços entre pais e filhos

As histórias para dormir desempenham um papel significativo no desenvolvimento cognitivo das crianças e no fortalecimento dos laços entre pais e filhos. Essas histórias, contadas antes de dormir, têm sido uma tradição em muitas culturas ao redor do mundo.

A temática das histórias para dormir envolve contos de fadas, fábulas, lendas e outros gêneros narrativos que transportam as crianças para um mundo de imaginação e fantasia. Essas histórias são projetadas para entreter, ensinar e transmitir valores importantes de uma forma envolvente.

Em termos de desenvolvimento cognitivo, as histórias para dormir estimulam a imaginação e a criatividade das crianças. Elas são expostas a personagens interessantes, cenários mágicos e enredos cativantes, o que contribui para o desenvolvimento de suas habilidades de pensamento crítico, resolução de problemas e empatia. Ao ouvirem as histórias, as crianças também aprendem sobre estrutura narrativa, desenvolvimento de personagens e diferentes formas de expressão.

As histórias para dormir também podem ajudar as crianças a relaxar e acalmar suas mentes antes de dormir. Elas fornecem uma rotina reconfortante e familiar, criando um ambiente propício para um sono tranquilo e restaurador. O ato de ouvir a voz do pai ou da mãe contando uma história suave e reconfortante pode ajudar as crianças a se sentirem seguras e confortáveis, facilitando a transição para um estado de relaxamento e sono.

Abaixo você encontra 30 histórias para dormir que você pode começar a ler para os seus filhos já! Há histórias mais curtas, como os contos e fábulas e também outras mais longas (fantasia, aventura...) para fazer uma leitura em capítulos.



Autores nacionais

1. “O Menino Maluquinho” (Ziraldo)
2. Doze lendas brasileiras: Como nasceram as estrelas (Clarice Lispector)
3. Lili inventa o mundo (Mario Quintana)
4. “O Fantástico Mistério de Feiurinha” (Pedro Bandeira)
5. A vizinha simpática que sabia matemática (Eliana Martins)
6. Felpe Filva (Eva Furnari)
7. Caderno sem rimas da Maria (Lázaro Ramos)
8. O Pequeno Príncipe Preto (Rodrigo França)
9. O livro dos pontos de vista (Ricardo Azevedo)
10. O rei que não sabia de nada (Ruth Rocha)
11. Amoras (Emicida)
12. 30 histórias para dormir (coletânea)
13. Histórias de ninar para garotas rebeldes: 100 fábulas sobre mulheres extraordinárias

Autores internacionais

14. “O menino, a toupeira, a raposa e o cavalo”, de Charlie Mackesy
15. Fábulas de La Fontaine (coletânea)
16. Harry Potter e a pedra filosofal (J. K. Rowling)
17. Desventuras em série (livro 1 - Mau Começo), de Lemony Snicket
18. A árvore generosa (Shel Silverstein)
19. Angelina Purpurina (Fanny Joly)
20. “Alice no País das Maravilhas” - Lewis Carroll
21. “O Mágico de Oz” - L. Frank Baum

22. "Peter Pan" - J.M. Barrie
23. "Pinóquio" - Carlo Collodi
24. "A Pequena Sereia" - (Lily Lurray/ Disney)
25. A branca de neve e os sete anões (Lily murray / Disney)
26. "O Pequeno Príncipe" - Antoine de Saint-Exupéry
27. A fantástica fábrica de chocolate (Roald Dahl)
28. Contos de fadas dos irmãos Grimm
29. O nascimento da Lua (Coby Hol)
30. O menino do dedo verde (Maurice Druon)

Para a Criançada!



A Itaú Cultural Play traz atrações para lá de divertidas para as crianças. Os pequenos poderão acompanhar, por exemplo, o dia a dia de uma família na animação **Que corpo é esse?**, que aborda temas da primeira infância de modo informativo.

A primeira temporada de **Que corpo é esse?**, produção do Canal Futura com a Childhood Brasil e a Unicef Brasil. Com 12 episódios, a série de animação acompanha, de forma lúdica e divertida, o cotidiano de uma família enquanto faz um franco convite ao debate sobre direitos sexuais e autoproteção.

Para acessar, clique aqui: <https://www.itauculturalplay.com.br/>

Palavras em Verso e Prosa



Lya Luft - Cronista, contista, romancista, ensaísta e poeta, Lya Luft foi uma das mais prestigiadas escritoras brasileiras do século 20, autora de uma obra extensa e multidisciplinar. Entre 1964 e 1978, publicou três livros. No entanto, só passou a se considerar "escritora" a partir de 1980, quando, com mais de 40 anos, escreveu o seu primeiro romance, "As Parceiras", que teve repercussão nacional.

Entre obras que chamaram a atenção nacionalmente, estão: "Exílio" (1987), "O Lado Fatal" (1989), "A Sentinela" (1994) e "O Rio do Meio" (1996). Esse último título recebeu o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte por obra de ficção. Também em 1996, foi eleita patrona da Feira do Livro de Porto Alegre. Em 2001, recebeu o Prêmio União Latina de Melhor Tradução Técnica e Científica, pela obra "Lete: Arte e Crítica do Esquecimento", de Harald Weinrich.

Lya Luft se tornou mais conhecida após o lançamento de "Perdas & Ganhos", em 2003. Considerada um best-seller, a obra chegou em sua 40ª edição, com mais de 600 mil exemplares vendidos, de acordo com a Editora Record. O título ganhou edições em inglês, alemão, espanhol, francês e italiano.

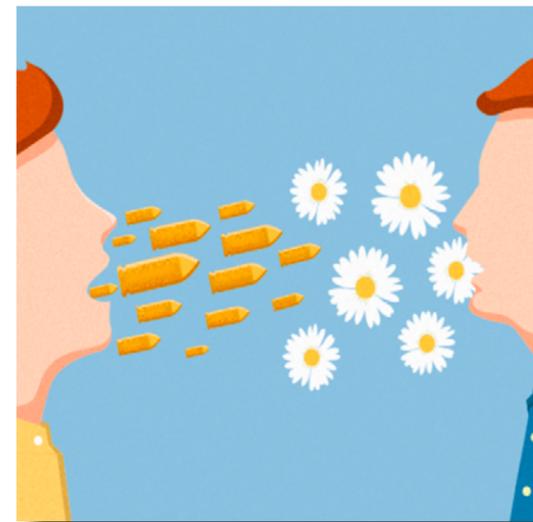
"O Rio do Meio" (1996)

Há um duelo permanente entre duas personalidades que habitam, talvez, todo mundo: uma, a convencional, que faz tudo "direito"; a outra, a estranha, agachada no porão da alma ou num sótão penumbroso; que é louca, assustadora, quer rasgar as tábuas da lei, transgredir, voar com as bruxas, romper com o cotidiano. E, interfere naquela, "boazinha", que todos pensam conhecer tão bem. Quando escrevi meu primeiro romance, descobri meu jeito de tentar reunir todas as sombras que se remexiam e chamavam, e de mergulhar, já sem medo, nesse rio do meio que tudo carrega para o mar definitivo."

A Comunicação não-violenta (CNV) é uma abordagem de comunicação que utiliza conceitos e habilidades humanas. Aprenda como aplicá-la neste artigo.

A comunicação não-violenta (CNV) é um método de comunicação criado por Marshall Rosenberg. Ela visa promover a compreensão e a empatia entre as pessoas, enfatizando a honestidade e a expressão de necessidades sem recorrer a críticas, julgamentos ou violência verbal.

Praticar a comunicação não-violenta pode mudar o modo como você se relaciona com as outras pessoas, seja no ambiente profissional ou nos seus relacionamentos pessoais.



Provavelmente você já passou por alguma situação em que se sentiu frustrado após um diálogo em que ouviu algo parecido com “você sempre chega atrasado” ou “você nunca me dá atenção”. Isso é bem comum, não é mesmo?

Mas, como mudar essas situações? Como não se sentir frustrado após ouvir uma inverdade? Como reagir perante situações como essas? E mais importante ainda: como não ser o propagador de conversas passivo-agressivas?

A resposta para essas perguntas está na comunicação não-violenta. Mas, afinal, o que é e como desenvolver uma comunicação não-violenta? É o que vamos descobrir ao longo deste artigo.

O que é Comunicação não-violenta (CNV)?

A comunicação não-violenta (CNV) é uma ferramenta de comunicação que utiliza técnicas de comunicação para que possamos nos expressar de forma empática, de modo que os nossos sentimentos e necessidades sejam atendidos.

Sua abordagem teve início nos anos 60 quando Marshall Rosenberg, autor do livro Comunicação Não-Violenta, atuou como orientador educacional em instituições de ensino que eliminavam a segregação.

Segundo Marshall, a CNV é “uma forma de comunicação que nos leva a nos entregarmos de coração”. Ela nos faz repensar a maneira como nos expressamos e como ouvimos o outro.

Seu objetivo, segundo Rosenberg, é: “Estabelecer um relacionamento baseado na sinceridade e na empatia e satisfazer as necessidades de todos.”

Além disso, para que a comunicação não-violenta seja praticada é preciso conhecer os seus principais componentes:

- Observação;
- Sentimentos;
- Necessidades;
- Pedido.

Quais são os 4 pilares da Comunicação não-violenta (CNV)?

A comunicação não-violenta possui quatro pilares que nos levam a receber com empatia o que o outro está tentando nos transmitir. Vamos ver um exemplo de diálogo no qual esses componentes não foram observados:

Imagine que você saiu atrasado de casa para o trabalho porque ficou até tarde terminando uma apresentação que teria que ser feita em uma reunião da empresa no dia seguinte.

Por conta disso, você perdeu o ônibus e teve que pedir um Uber que errou a rota e cancelou a viagem, fazendo com que você tivesse que chamar outro motorista.

Por fim, você consegue chegar ao trabalho dez minutos atrasado para a reunião e a primeira coisa que o seu chefe diz é: “Você sempre chega atrasado! Todos estão te esperando para começar a reunião!”

Bem, imagino que você não ficaria feliz em ouvir isso, não é mesmo?

Claramente houve um erro de comunicação e isso ocorre com uma certa frequência em nosso cotidiano, seja no ambiente profissional ou nos relacionamentos pessoais.

Muitas vezes nós não expressamos o que realmente estamos sentindo, ou seja, a real necessidade que temos por trás de uma fala. Isso ocorre porque temos medo de nos expor e de demonstrar as nossas fraquezas para os outros.

E, para que isso não ocorra e a mensagem seja entregue, é necessário que a conexão não seja interrompida. Por isso há a necessidade de conhecer os principais pilares da comunicação não-violenta. São eles:

1. Observação

É sempre importante começar uma conversa observando os fatos, sem os nossos julgamentos e percepções. Para ilustrar, podemos voltar no exemplo.

Quando o colaborador chega na empresa atrasado, o ideal seria que o seu chefe perguntasse o que realmente aconteceu e não fizesse uma generalização.

Ele poderia ter dito: “Você chegou atrasado para a nossa reunião e sabe como é importante esse projeto para a empresa. Aconteceu alguma coisa?”

Seria uma possibilidade de diálogo, no qual ele estaria falando o que realmente aconteceu e dando espaço para que o profissional se explicasse.

2. Sentimentos

Os sentimentos são gerados a partir de uma associação mental das nossas emoções. Essa associação é feita com base no nosso repertório, crenças, valores e experiências de vida.

É importante ter em mente que por trás dos nossos sentimentos existe uma necessidade não atendida. E nós temos a tendência de responsabilizar os outros pelo o que sentimos.

Para que isso não aconteça, é necessário entendermos qual é a causa dos nossos sentimentos, que está relacionado com uma necessidade, seja ela nossa ou dos outros, e o que é estímulo, um fator externo.

Voltando ao nosso exemplo, podemos identificar que um dos sentimentos que estava por trás da fala do chefe era o medo do colaborador não chegar a tempo e a reunião ser prejudicada.

3. Necessidades

Segundo Marshall Rosenberg: “Por trás de todo comportamento existe uma necessidade”.

A partir dessa frase podemos concluir que é preciso externalizar quais necessidades estamos buscando suprir em um diálogo, para que você possa ser melhor compreendido.

Muitas pessoas acham que não precisam falar sobre as suas necessidades, porque se o outro realmente o conhece deveria saber o que se passa em seu interior. Porém, isso é um mito!

Nós precisamos entender as nossas necessidades e as dos outros e nos importar com elas. Quando reconhecemos as necessidades, conseguimos pensar em diversas soluções para elas.

4. Pedidos

Para se fazer um pedido é necessário o autoconhecimento. Temos que ser específicos para que o outro possa entender o que de fato precisamos.

Quando você pede se torna vulnerável, pois pode receber um “sim” ou um “não”. E o medo de ouvir uma resposta negativa faz com que ao invés de fazermos pedidos, acabamos por exigir algo do outro.

Exemplo de aplicação da CNV

Após conhecer os quatro pilares da comunicação não-violenta, podemos reformular a fala do chefe:

“Você chegou atrasado para a nossa reunião e sabe como é importante esse relatório para a empresa (observação). Aconteceu alguma coisa? Fiquei com medo de você não chegar a tempo e ter que cancelar a reunião (sentimento). A pontualidade em uma reunião importante como essa é um fator decisivo (necessidade). Da próxima vez, você pode se esforçar mais para chegar no horário? (pedido).”

Viu como o diálogo mudou? E, principalmente, como agora há um espaço para a comunicação? Esse é um exemplo no qual os sentimentos e necessidades foram explicitados. Desse modo, há uma facilitação da comunicação.

A seguir, vamos entender como podemos aplicar essas técnicas no ambiente colaborativo.

Como aplicar a CNV em sua organização?

O ambiente corporativo de muitas empresas acaba criando um sentimento de competitividade entre os colaboradores. Assim, quando alguém comete um erro, sempre buscamos um culpado, o que gera entre os membros da equipe o medo de errar.

Tal ambiente acaba corroborando para que os colaboradores não consigam manter a saúde mental no ambiente de trabalho.

A comunicação não-violenta pode ajudar para que isso não ocorra, a partir do momento que se cria um espaço para que as pessoas se expressem e que isso seja estimulado, seja através de workshops ou criando realmente uma cultura organizacional que contribua para que isso aconteça.

Agora que você já sabe como aplicar a CNV na sua organização, vamos entender porque as falhas de comunicação acontecem com frequência. Existem alguns empecilhos para que a CNV seja efetiva e vamos conhecer quais são eles.

Empecilhos para a Comunicação não-violenta

Existem algumas formas de nos comunicarmos que impedem que o nosso estado compassivo natural seja demonstrado. Essa forma de comunicação foi denominada por Marshall como “Comunicação alienante da vida” e os motivos que a causam são:

Julgamentos moralizadores

Segundo Marshall Rosenberg “analisar os outros é, na realidade, uma expressão de nossas necessidades e valores.”

Quando ouvimos os outros com um senso de criticidade, julgando a situação segundo os nossos valores, estamos fazendo um julgamento moralizador do outro. Culpar, insultar, depreciar, entre outras formas de julgamento, não nos ajudam na comunicação.

Comparações

Fazer comparações é uma forma de julgar o outro. Quando decidimos utilizar dessa prática, anulamos a nossa compaixão, o que nos impede de criar uma conexão com a pessoa com quem estamos dialogando.

Negação da responsabilidade

Nós precisamos estar conscientes que somos responsáveis pelos nossos pensamentos, sentimentos e pelos nossos atos. Tentar transferir isso para alguém ou para algum fato não resolve a nossa necessidade.

Além de tudo o que já conversamos até aqui, existe um elemento essencial para que a comunicação não-violenta ocorra. A empatia. E é sobre como ela faz parte das técnicas para aprimorar relacionamentos a partir da CNV que vamos entender agora.

O que é empatia para a CNV?

A comunicação não-violenta se baseia em dois outros princípios, sendo eles:

Expressar-se honestamente utilizando os quatro componentes da CNV;
Receber com empatia por meio dos quatro componentes da CNV.
Mas, como saber se estamos recebendo a mensagem de forma empática?

Segundo Otto Scharmer, em sua teoria do U, existem quatro níveis de escuta, sendo eles downloading, factual, empática e generativa.

Assim, para que a comunicação não-violenta seja efetiva, é preciso ouvir com “vontade aberta”. Nesse nível você já se desfez dos seus pré-julgamentos e opiniões e está completamente aberto a ouvir o que o outro tem a dizer.

Quando falamos de “conectar com o futuro emergente”, significa que estamos dispostos a tudo o que a pessoa pode vir a falar como expressão do que ela está sentindo no momento.

E agora, como começar a desenvolver e aplicar tudo o que aprendemos até aqui?
Assim, para que a comunicação não-violenta seja efetiva, é preciso ouvir com “vontade aberta”. Nesse nível você já se desfez dos seus pré-julgamentos e opiniões e está completamente aberto a ouvir o que o outro tem a dizer.

Quando falamos de “conectar com o futuro emergente”, significa que estamos dispostos a tudo o que a pessoa pode vir a falar como expressão do que ela está sentindo no momento.

Fonte: <https://www.voitto.com.br/blog/artigo/comunicacao-nao-violenta>

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.